

Atlantico

ANO 2 / YEAR 2 - Nº 5
JANEIRO / JANUARY 2016

PAULO HEGG

A VISÃO
ESTRATÉGICA DO
NEGOCIADOR

THE STRATEGIC
VISION OF THE
NEGOTIATOR

NAMÍBIA

ALIANÇA MILITAR
DE RESULTADOS

RESULTS OF A
MILITARY ALLIANCE

TURISMO TOURISM

A ANIMADA INVASÃO
DOS CAMELOS

THE LIVELY INVASION
OF CAMELS



9 772447 801600

The care with water is an urgente matter that demands most energy of our generation. In this matter, Itaipu is leading the way.

Cultivando Água Boa – CAB.
(Cultivating Good Water Program) Winner of the UN Water For Life Award as the world's best practice in water management.



Cultivando Água Boa (CAB) - "Cultivating Good Water" is a program maintained by Itaipu, the hydropower plant that has generated the most energy of all time, that aims to protect the water for future generations. With the support of many partners, this initiative, implemented at the the communities of the Parana River Basin, amidst Brazil and Paraguay, has improved the lives of over one million people so far. Access our website to find out why UN has acknowledged CAB as the best water management practice in the world, and to spread this idea.

UN WATER



WATER FOR LIFE
2005-2015

www.itaipu.gov.br/en

CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO
dos MUNICÍPIOS
Indeíros
do LAGO DE ITAIPU

Integration
that generates energy
and development.

ITAIPU
BINACIONAL



UM CONCEITO QUE SE CONSOLIDA

Há um conceito importante de coerência nas edições da Atlantico, já cinco com esta que chega às mãos dos nossos leitores. O novo número consolida o caminho que temos traçado na publicação, apontando e discutindo exemplos de ações que se transportam de um lado para o outro com grandes possibilidades de multiplicação, considerando-se convergências, complementaridades e até, as dificuldades eventuais de cada área do mundo que mais diretamente nos interessa discutir.

O foco essencial das pautas e abordagens continua sendo a busca do que aproxima Brasil e África, mas também um debate de mérito sobre aquilo que historicamente ajuda a consolidar distâncias, inclusive o que parece criado de maneira artificial para encobrir interesses menores, comerciais em grande parte dos casos.

Um olhar importante é lançado em direção às trocas de experiências que avançam e ganham pesos referenciais, especialmente pela perspectiva de valorizar o ganha-ganha nas relações, valor que o mundo contemporâneo altamente competitivo nem sempre consegue enxergar. É este o espírito editorial presente ao conteúdo das páginas que se seguem e que o convidamos a conhecer.

THE CONSOLIDATION OF AN IDEA

There is an important idea of coherence with Atlantico, now with its fifth edition reaching our reader's hands. This new number consolidates the path that we have been tracing on pointing and discussing models and actions that can transpose from one side to another: great possibilities of multiplications, consideration of convergences and complementarities, and, even, all eventual difficulties from this particular region of the world that we have a special interest.

The essential focus of all assignments and approaches continues to be the search of what brings together Brazil and Africa, but also a merit debate of what historically assists on the consolidation of distances, even those that may seem to be artificially created to cover other agendas, which are mostly commercial.

An important glance is launched towards the exchange of experiences to advance and gain referential weights, especially from the perspective of valuing the win-win relationships, which is an understanding that the highly competitive contemporary world can't always see. This is the editorial soul that must be perceived present on the pages to follow and that we invite you meet.

Atlantico ISSN 2447-8016

Editor: **Guálter George** Reportagens / Reports: **Gustavo Augusto-Vieira** Assistente editorial / Editorial Assistant: **Ana Vitória Reis**
Arte / Art: **Andréa Araujo e Alice Muratorre** Tradução / Translations: **Maurice Strauss** Apoio Operacional / Operational Support:
Ilberto Domingos Conselho Editorial / Editorial Board: **André Brayner, Gilberto Lima Júnior, Gualter George, Gustavo Augusto-Vieira, João Bosco Monte e Thomas Vlassak**

Email: atlantico@institutobrasilafrika.org

ATLANTICO é uma publicação trimestral do Instituto Brasil África. O Instituto Brasil África não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. ATLANTICO is a quarterly publication of Instituto Brasil Africa. Instituto Brasil Africa is not responsible for concepts expressed in signed articles.

INSTITUTO BRASIL ÁFRICA

Rua José Alencar Ramos, 385, Luciano Cavalcante, Fortaleza-CE, Brasil, CEP 60813-565, Email: contato@institutobrasilafrika.org

SUMÁRIO / SUMMARY



24

AGRICULTURA / AGRICULTURE

EQUIPAMENTOS DE ALTA
TECNOLOGIA
HIGH-TECH EQUIPMENT

30

ENERGIA / ENERGY

FÓRUM PROPORCIONA
INTERAÇÃO
FORUM PROVIDES
INTERACTION

12

PAULO HEGG

O OTIMISMO DO
EMPREENDEDOR
THE ENTREPRENEUR'S
OPTIMISM

6

OPINIÃO / OPINION

LEONARDO BOFF:
A FORÇA DO SENTIMENTO
LEONARDO BOFF:
THE POWER OF FEELING





Tenho a grande satisfação de reiterar nossa alegria com mais uma edição da Revista Atlântico. Agora, já em seu segundo ano, a publicação se torna mais madura e se fortalece como um relevante canal de discussão de temas valiosos tanto para o Brasil como o para o continente africano.

Temos a convicção que nenhum assunto é menos importante do que o outro, nenhuma história menos virtuosa de ser contada e compartilhada. Por isso mesmo, sabemos do grande desafio de escolher temas contemporâneos sobre dois gigantes: de um lado o continente africano com diferentes culturas e geografias e 54 países entre os quais algumas das economias que mais crescem no mundo. Do outro lado, o Brasil com dimensões continentais, ao mesmo tempo singular e rico em diversidade.

A escolha dos temas apresentados nesta edição e que certamente se repetirá nos números seguintes da Revista Atlântico é norteada pela missão do Instituto Brasil África, que é facilitar o conhecimento recíproco de iniciativas e ações de cunho econômico, social e cultural no Brasil e no continente africano.

Boa leitura!

João Bosco Monte
Presidente
Instituto Brasil África

It is my great pleasure that I reiterate our joy with another edition of Atlântico. Now, in its second year, the publication becomes more mature and stronger as a relevant channel of discussion of valuable topics both for Brazil as for Africa.

We are convinced that no subject is less important than the other and that every story is worth telling and shared. Therefore, we know the great challenge of choosing contemporary themes about two giants: on one hand the African continent with different cultures and geographies and 54 countries, including some of the fastest growing economies in the world. On the other hand, Brazil with continental dimensions, at the same time unique and rich in diversity.

The choice of the themes presented in this issue and will be repeated in the following editions of Atlântico, is driven by the mission of the Instituto Brasil África, which is to facilitate the mutual knowledge of initiatives and actions of economic, social and cultural development in Brazil and the African continent.

Enjoy your reading!

João Bosco Monte
President
Instituto Brasil África



SOMOS TODOS AFRICANOS

Sempre que entram em crise, as civilizações começam a olhar para o seu passado, buscando inspiração para o futuro. Hoje estamos no coração de uma fenomenal crise planetária que afeta todas as civilizações. Ela pode significar um salto rumo a um estado superior da hominização bem como uma tragédia ameaçadora para toda a nossa espécie. Num momento assim radical, não é sem interesse sondar as nossas raízes mais ancestrais e identificar aquele começo seminal em que deixamos de ser primatas e passamos a ser humanos. Aqui deve haver lições que nos podem ser muito úteis.

Hoje é consenso entre os pa-

”

"A ÁFRICA NÃO É APENAS O LUGAR GEOGRÁFICO DAS ORIGENS. É O ARQUÉTIPO PRIMAL, O CONJUNTO DAS MARCAS"

leontólogos e antropólogos que a aventura da hominização se iniciou na África, cerca de sete milhões de anos atrás. Ela se acelerou passando pelo *homo habilis*, *erectus*, neandertalense até chegar ao *homo sapiens* cerca de 100 mil anos atrás. Da África ele se propagou para a Ásia, há sessenta mil anos, para a Europa, há quarenta mil anos e para as Américas há trinta mil anos.

A África não é apenas o lugar geográfico das origens. É o arquétipo primal, o conjunto das marcas, impressas na alma do ser humano, presentes ainda hoje como informações indelévels à semelhança daquelas inscritas em nosso código genético. Foi na África que o ser humano elaborou suas primeiras



WE ARE ALL AFRICANS

Whenever civilizations go through crises, they look retrospectively, seeking inspiration for the future. Nowadays, we are in the midst of a phenomenal planetary crisis affecting all civilizations. So, that means, we can take a great leap forward towards a superior condition of humanization, or otherwise, a threatening tragedy could take place affecting our entire species. In such a radical moment, it is not pointless to sound out our more ancestral roots and identify that very beginning when we stopped being primates and started to become human beings. There must be useful lessons to be learned.

”

"AFRICA IS NOT JUST
THE GEOGRAPHIC
LOCATION OF
SOURCES . AND THE
PRIMAL ARCHETYPE ,
THE SET OF BRANDS "

Nowadays, there is a consensus among paleontologists and anthropologists that the adventure of humanization began in Africa, around seven million years ago. It accelerated by evolving from Homo habilis, erectus, Neanderthal, until arriving at Homo sapiens around 100 thousand years ago. From Africa it spread to Asia, around seventy thousand years ago, then to Europe, around forty thousand years ago, and then on to the Americas around thirty thousand years ago.

Africa is not only the geographical location of our origins. It is also, the primal archetype, conjunction of marks, impressions in the soul of the human being, present even nowadays as indelible

sensações, onde se articularam as crescentes conexões neurais (cerebralização), brilharam os primeiros pensamentos, se fortaleceu a juvenilização (processo semelhante ao de um jovem que mostra plasticidade e capaz de aprendizagem) e emergiu a complexidade social que permitiu o surgimento da linguagem e da cultura. Há um espírito da África, presente em cada um dos seres humanos.

Vejo três eixos principais do espírito da África que podem significar verdadeira terapia para a nossa crise global. O primeiro é a Mãe Terra. Espalhando-se pelos vastos espaços africanos, nossos ancestrais entraram em profunda comunhão com a Terra, tida como a grande mãe geradora de tudo, sentindo a interconexão que todas as coisas guardam entre si. Mesmo vítimas da exploração colonialista, os atuais africanos não perderam esse sentido materno da Terra, tão bem representado pela keniana Wangari Mathai, ganhadora do prêmio Nobel da Paz por plantar milhões de árvores e devolver assim vitalidade à Terra. Precisamos nos reapropriar deste espírito da Terra para salvar Gaia, nossa Mãe e única Casa Comum.

O segundo eixo é a matriz relacional (relational matrix no dizer dos antropólogos). Os africanos usam a palavra ubuntu que significa a força que conecta a todos, formando a comunidade dos humanos. Quer dizer, eu me faço humano através do outro, do conjunto das conexões com a vida, a natureza, os outros e o Divino. O que a física quântica e a nova cosmologia ensinam acerca de interdependência de todos com todos é uma evidência para o espírito africano. Esta dimensão foi fortemente afirmada pelo Papa Francisco em sua encíclica sobre "o cuidado da Casa Comum" (2015). À essa comunidade pertencem os mortos. Eles não vão ao céu co-



”

"HÁ UM ESPÍRITO DA
ÁFRICA, PRESENTE EM
CADA UM DOS SERES
HUMANOS"

mo nós ocidentais imaginamos. Eles continuam no meio do povo como conselheiros e guardiães das tradições sagradas. Não são ausentes, apenas invisíveis.

O terceiro eixo são os rituais e a espiritualidade. Experiências importantes da vida pessoal, social e sazonal são celebrados com ritos, danças, músicas e apresentações de máscaras, portadoras de energia cósmica. É nos rituais que as forças negativas e positivas se equilibram e se aprofunda o sentido da vida.

Toda a realidade é penetrada de energias, representadas como espíritos. Abrir-se a elas, vibrar com elas, incorporá-las nos vários momentos da vida cotidiana é viver espiritualmente. Esta espiritualidade passa pelo corpo vivo e carregado de axé, aquela energia cósmica que penetra tudo e se densifica nas pessoas, especialmente, em alguns líderes comunitários e curadores.

Esta dimensão é anêmica em nossa cultura moderna ocidental e secularizada. Depois que Nietzsche anunciou a morte de Deus e Max Weber a secularização de toda a sociedade, perdemos como que as referências maiores de nossa existência neste mundo resultando num sentimento de solidão e de desenraizamento, perdidos num mundo sombrio sem sabermos para onde ele nos conduz.

Revisitar nossas raízes ancestrais nos permite mergulhar nos arquétipos africanos que estão vivos em nosso inconsciente coletivo e que nos podem suscitar visões de sentido e de esperança.

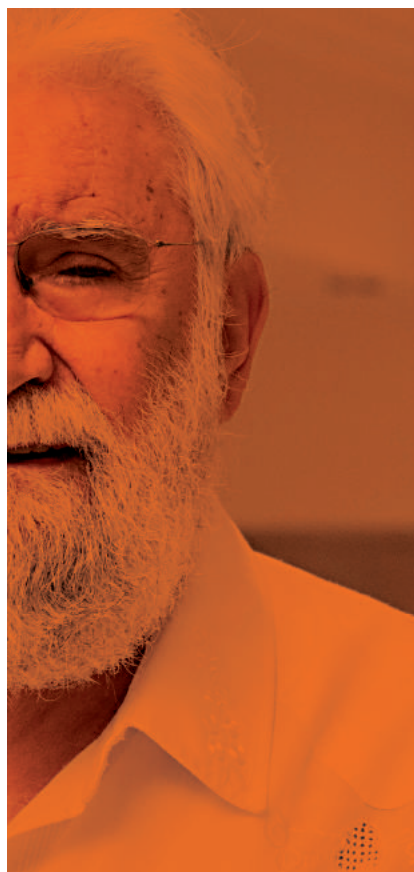
Se reincorporarmos o espírito da África, a crise não precisará ser uma tragédia, mas um passo necessário para uma outra forma de habitar a Casa Comum.

Leonardo Boff, 1938, ecoteólogo, filósofo e escritor brasileiro

information similar to what is written in our genetic code. Africa was where the human being prepared its first sensations, where the growing neural connections were articulated (cerebralization), the first thoughts were shone, juvenilization was strengthened (a process similar to how a young person displays plasticity and great capability for learning) and thereby emerged the social complexity that enabled the onset of language and culture. The African spirit is present in each human being.

Take a look at the three main streams involved in the spirit of Africa that can signify real therapy for our global crisis. The first one is Mother Earth. Spread out through the vast African spaces, our ancestors experienced profound communion with the Earth, considered as the great mother of all who generated everything, feeling the interconnection among all things stored within. In spite of being victims from the exploration of colonists, Africans nowadays have not lost that intimate feelings for the Earth that is so well portrayed by the Kenyan, Wangari Mathai, who is the winner of the Nobel Prize for planting millions of trees and thus, returning vitality to the Earth. We need to reappropriate that spirit of the primal Earth and save Gaia, our Mother and our unique "Common Home".

The second stream is the relational matrix as anthropologists say. African use the word "Ubuntu" that means the power that connects everything, forming the human community. That means; I become human by being human to others, the conjunction of connections to life, nature, others, and the Divine. What quantum physics and new cosmology teaches about the interdependence of all and to all that is an evidence for the African spirit. This dimension was strongly confirmed by Pope Francisco



“

" THERE IS A SPIRIT OF AFRICA PRESENT IN EACH HUMAN BEING "

in his encyclical "On Care for Our Common Home" (2015). To that community belong the dead. They do not go to heaven as westerners imagine. They continue in the midst of the people as counselors and guardians of sacred traditions. They are not absent, only invisible.

The third stream is the rituals and spirituality. Important experiences for personal, social, and seasonal life; they are celebrated by rites, dances, songs, and presentations with masks, bearers of cosmic energy. In these rituals these negative and positive forces balance and deepen the meaning of life.

All reality is penetrated by energies, represented as spirits. They open, vibrate among themselves, become incorporated in various moments of everyday life and that is living spiritually. That spirituality passes through the living body and is loaded with "axé", which is the cosmic energy that penetrates everything and densifies in people, especially in some community leaders and curators.

This dimension is anemic to our modern western and secularized culture. After Nietzsche announced the death of God and Max Weber secularized all society, we lost our existence in this world as one of our greatest references, resulting in feeling of solitude and becoming uprooted, lost in a gloomy world and losing our way to where it will guide us.

Revisiting our ancestral roots makes it possible to dive into the African archetypes and it is alive in our collective unconsciousness and makes the vision arise of meaningfulness and hopefulness.

If we reincorporate the spirit of Africa, the crisis does not need to be a tragedy, but just a necessary step so that we can find another way to inhabit the "Common Home".

Leonardo Boff, 1938, eco-theologian, philosopher and Brazilian writer



DIVULGAÇÃO

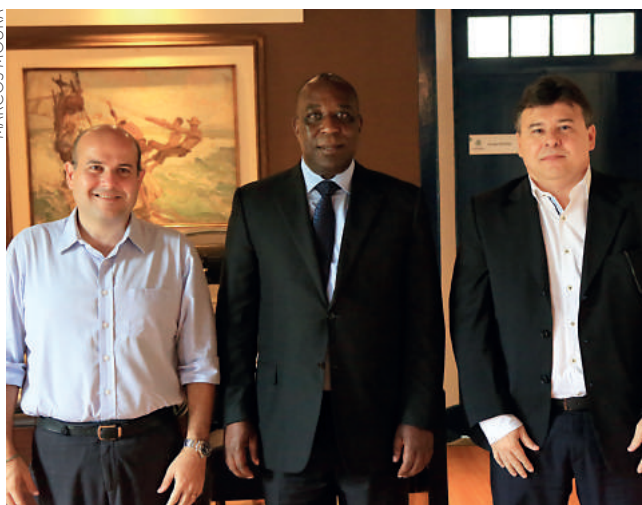
SOB NOVA DIREÇÃO

UNDER NEW COMMAND

Mudança importante no escritório do BNDES na África. Está retornando ao Brasil o atual responsável pela estratégica chefia da representação regional do banco, sediada em Johannesburgo, Paulo Roberto de Oliveira Araújo. A partir de fevereiro de 2016, Gustavo Gimenez Nonato(foto), atualmente o gerente do núcleo, passa a comandar a unidade no continente africano.

Important change in the BNDES Representative Office for Africa. Paulo Roberto de Oliveira Araújo responsible for the strategic leadership of the regional office of the bank, based in Johannesburg is returning to Brazil. As from February,2016 Gustavo Gimenez Nonato (photo), currently the core manager, will be taking over the command of the unit in the African continent.

MARCOS MOURA



O prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio Bezerra (esquerda), David Nkoto (centro), e do Secretário de Desenvolvimento Econômico, Robinson de Castro (direita) / The Mayor of Fortaleza Roberto Cláudio Bezerra (left), David Nkoto (center), and the Economic Development Secretary, Robinson Castro (right)

PARCERIA NA AGENDA

AGENDA OF PARTNERSHIP

O diretor geral da Cameroon Telecommunications (CAMTEL),David Nkoto, prospecta as oportunidades de parcerias no Brasil. No foco, o projeto de instalação de cabo de fibra ótica entre Brasil e Camarões, discutido durante encontro com autoridades do governo do Ceará, estado do Nordeste brasileiro, no final do mês de janeiro. A reunião foi na capital, Fortaleza.

The General Director of Cameroon Telecommunications (CAMTEL),David Nkoto, prospects opportunities for partnerships in Brazil. In focus, the project of the fiber optic cable between Brazil and Cameroon, discussed during the meeting with government officials of Ceará, state of the Northeast region of Brazil at the end of January. The meeting took place in Fortaleza.

ERRAMOS / ERRATA

O nome correto do pesquisador da Embrapa ouvido pela ATLANTICO na matéria "Cajucultura: A tecnologia favorece a vocação", da edição Nº 4 é Fábio Paiva.

The correct name of the Embrapa researcher heard by ATLANTICO in the topic "Cashew growing:technology strengthen this vocation", edition # 4 is Fábio Paiva.



royalairmaroc.com

DE SÃO PAULO PARA MARROCOS.

DE MARROCOS PARA ONDE VOCÊ QUISER.



CASABLANCA

SÃO PAULO

TRANSFORME SUA PRÓXIMA VIAGEM
EM UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL
NAS ASAS DA MAIOR COMPANHIA AÉREA DA ÁFRICA.

São três voos semanais diretos de São Paulo para Casablanca. E tem mais, com a Royal Air Maroc, além do melhor voo para Marrocos, você encontra também ótimas opções de voos para a Europa e África. Confira nossas rotas e promoções em nosso site ou consulte seu agente de viagens.



الخطوط الملكية المغربية
royal air maroc

The wings of Morocco



Instituto
Brasil África

OS PROJETOS DO EMPREENDEDOR

PAULO HEGG É, HOJE, UM IMPORTANTE ELO ECONÔMICO ENTRE BRASIL E ÁFRICA. UM FLUXO QUE ELE CONSIDERA POTENCIALMENTE FORTE NOS DOIS SENTIDOS

THE BUSINESSMAN'S PROJECTS

PAULO HEGG, IS ONE IMPORTANT ECONOMIC LINK NOWADAYS BETWEEN BRAZIL AND AFRICA AND HE CONSIDERS THIS FLOW POTENTIALLY STRONG IN BOTH DIRECTIONS

POR/BY GUSTAVO AUGUSTO-VIEIRA

“**N**ão tenho o mínimo interesse de parar de fazer o que estou fazendo, ainda há muito o que fazer. Acho que posso contribuir muito para o desenvolvimento do comércio internacional brasileiro”, afirma o empresário Paulo Hegg, paulista de 65 anos e, atualmente, um dos principais empreendedores brasileiros no continente africano. Hoje, ele colhe os frutos de um trabalho como produtor rural no Sudão. Além disso, Hegg está à frente da expansão dos negócios do grupo argelino Cevital. Desenvolver novos mercados sempre foi a meta de Paulo Hegg, formado em Engenharia Civil, mas que ainda cedo começou a trabalhar com comércio exterior. “Não tínhamos escolas de comércio exterior, então me formei na prática mesmo. Abrindo trades, aprendendo e acumulando conhecimento”, lembra.

Depois de sete anos vivendo em Londres, Paulo volta ao Brasil com outros propósitos. Começa a atuar no mercado financeiro e na expansão da Tirolez, fábrica de laticínios da família. “Minha família começou com a produção de queijo e mais tarde, quando retornei ao Brasil, me associei com meu irmãos no sentido de desenvol-

“NÃO HÁ NECESSIDADE DE APOIO DO GOVERNO BRASILEIRO NESTA FASE INICIAL PORQUE SE TRATA DE PROJETO PESSOAL. O GOVERNO ME AJUDA ATRAVÉS DA EMBAIXADA”

ver o mercado internacional para queijos”. De lá, adquiriu expertise em mercados estratégicos, como África e Oriente Médio. No cargo de executivo na Tirolez, Paulo Hegg se torna referência nacional em comércio exterior e também em agrobusiness.

Paulo Hegg conversou com ATLANTICO em duas ocasiões, entre uma e outra viagem ao Sudão, para onde dedica boa parte dos seus dias. Lá ele desenvolve projetos agrícolas bem sucedidos do ponto de vista financeiro, mas demonstra envolvimento que vai além dos negócios. “Procuro colaborar para melhorar as condições de vida de uma população muito carente, de gente boa, fraternal,

hospitaleira e que não teve muitas chances de se desenvolver”, revela. Nesta entrevista, ele fala sobre sua experiência como produtor agrícola no Sudão, as oportunidades para os brasileiros na África, os principais desafios como empreendedor e sobre os recentes investimentos do grupo Cevital no Brasil.

ATLANTICO - Como o senhor chegou ao Sudão? O que levou a investir lá?

Paulo Hegg - É uma história longa, começou em 2002. Eu estava participando de uma obra grande na Índia. Era um edifício pré-fabricado. Nesse meio tempo, me ligaram para saber se eu tinha interesse em construir pontes metálicas para o rio Nilo. O governador de Cartum, que tinha sido recém-nomeado, precisava construir rapidamente essas fontes. Eu conversei com os meninos da construtora, que se mostraram interessados porque estavam terminando uma ponte na Venezuela e já tinham essa expertise. Então convidei o governador de Cartum para visitar o Brasil no início de 2003. Era o início do governo Lula e havia sido dada grande ênfase a uma aproximação com a África. Então, em uma reunião que nós tivemos com o (então) vice-presidente José de Alencar, ele sugere-



“do not have the least interest in stopping what I am doing and there is still so much to do. I think I can contribute a great deal to Brazilian international commercial development”, states the businessman Paulo Hegg, 65 years old and from São Paulo and nowadays, he is one of the main Brazilian businessmen on the African continent. He is reaping the benefits from the work as a rural grower in Sudan now. Besides that, Hegg is leading the expanding business of the Cevital Algerian group. Developing new markets has always been the goal of Paulo Hegg, a Civil Engineering graduate, but while he was still young began to work in foreign commerce, so I learned by doing. Starting trading, learning, and accumulating knowhow”, he remembers.

After living in London for seven years, Paulo returned to Brazil, but with other proposals. I began accumulating in the financial market and in the expansion of Tirolez, his family's dairy product factory and later on, when I returned to Brazil, I joined forces with my brother focused on developing the international market for the exportation of cheeses”. From then on, I acquired expertise in strategic markets, such

“BRAZIL IS CERTAINLY A REFERENCE TO AFRICA. I AM SURE THAT WE HAVE THE KNOWHOW, THEIR FRIENDSHIP, AND GOOD WILL.”

as Africa and the Middle East. In his position as the top executive of Tirolez, Paulo Hegg became a national reference in foreign commerce and also in agribusiness.

Paulo Hegg has spoken to ATLANTICO on two occasions, between one of his trips to Sudan, where he dedicates himself most of the time. He developed successful agricultural projects there from the financial point of view, but his involvement goes beyond just business. “I seek to contribute to improving the living conditions of a very needy population, who are good, fraternal and hospitable people and who have not had many opportunities for development”, he

reveals. In this interview, he speaks about his experience as an agricultural grower in Sudan, the opportunities for Brazilians in Africa, the main challenges as a businessman, and about recent investments of the Cevital group in Brazil.

ATLANTICO – How did you arrive in Sudan? What made you invest there?

Paulo Hegg – It is a long story and it began in 2002. I was participating in a large worksite in India. It was a prefabricated building. In the meantime, I was called on my phone to know if I was interested in building metal bridges over the Nile River. The governor of Khartoum, who had been recently nominated, needed to build those bridges quickly. I spoke to the construction guys, who became interested, because I was finishing a bridge in Venezuela and they already had that expertise. Then, I invited the governor of Khartoum to visit Brazil at the beginning of 2003. It was the beginning of the President Lula office and he had emphasized an approximation to Africa. Then, we had a meeting with the Vice President at the time, José de Alencar, he suggested that the Governor would propose to the President of Sudan to open an



ENTREVISTA

riu ao governador que propusesse ao presidente do Sudão abrir uma embaixada no Brasil. O governador conseguiu e em poucos meses foi aberta uma embaixada no Brasil e depois nós abrimos uma (brasileira) em Cartum. A partir daí comecei a cultivar essa amizade e estudar melhor o país.

ATLANTICO - O senhor começou com a plantação de algodão?

Paulo Hegg - Comecei com a exportação de móveis. Depois, importação de tecnologia de irrigação. Levei uma empresa brasileira para implantar seu escritório de processo de irrigação no país. Depois eu levei para o Brasil um projeto de usina de açúcar e álcool. Até que mandei umas amostras de sementes de soja para serem testadas lá. Foi quando apresentei fotografias dessa soja, feitas em um canteiro, para ter noção se a soja brasileira dava naquele solo. Eu mandei essas fotos para vários amigos produtores agrícolas brasileiros, e um deles ficou interessado em conhecer o país. Passamos umas semanas no Sudão, juntos, e ele se encantou com o projeto-piloto, que tinha 500 hectares de algodão e soja, tudo com tecnologia, management, sementes e equipamentos brasileiros. O Ministro da Agricultura concordou em financiar essa experiência com recursos do governo. No final de 2010 e começo de 2011 nós colhemos dez vezes mais algodão que os sudaneses estão acostumados. Com esse resultado, o governo nos chamou para fazer uma parceria, em sociedade com eles, com 80 mil hectares. Nossa parte era o management, a responsabilidade técnica do projeto, recursos e apoio institucional. As terras foram cedidas por um grupo árabe. Foi criada então uma empresa partnership chamada Sudanese Brazilian Modern Agriculture Partnership (SBMAPA), onde nós temos 50% do capital e os outros 50% foram divididos igualmente entre o Ministério da Agricultura e o grupo

“EU JÁ CONHEÇO BEM A ÁFRICA E É UM DESAFIO NÓS, COMO BRASILEIROS, SABERMOS DA NECESSIDADE DE AJUDAR ESSES IRMÃOS”.

árabe. Estamos colhendo a nossa safra de 9 mil hectares de algodão. A maior parte vai para exportação.

ATLANTICO - Como o senhor avalia esses resultados?

Paulo Hegg - As condições econômicas adversas do país, o estágio de desenvolvimento e da democracia são um pouco atrasadas. Isso fez com o que o projeto não pudesse alcançar um grande resultado logo no começo. Hoje eu tenho uma consciência melhor das limitações na África. Eu diria que isso é geral no continente, não só no Sudão. Eu já conheço bem a África e é um desafio nós, como brasileiros, sabermos da necessidade de ajudar esses irmãos. É um estágio de desenvolvimento bem mais atrasado que o nosso. Podemos contribuir para a melhoria das condições de vidas deles, precisamos acreditar nisso e adotar como uma estratégia de engajamento. O Brasil certamente é uma referência na África. Tenho certeza que temos know-how, temos a simpatia e a boa vontade deles.

ATLANTICO - O governo do Sudão apoia o que o senhor faz lá, mas como tem sido o apoio do Brasil? O governo brasileiro tem dado algum incentivo nesse sentido?

Paulo Hegg - Não há nenhuma

RODOLFO OLIVEIRA, AGÊNCIA PARA



necessidade de apoio do governo brasileiro nessa fase inicial porque se trata de um projeto pessoal. O governo brasileiro me ajuda através da embaixada. Mas no ponto de vista prático, não temos nenhuma ajuda, nenhuma facilidade do governo brasileiro. Até porque o país estava inadimplente com o Brasil.

ATLANTICO - E que avaliação podemos fazer dos nossos concorrentes internacionais? Qual papel do Brasil nesse contexto?

Paulo Hegg - O Brasil tem tecnologia de ponta, desenvolve sementes. Tem ainda uma origem cultural parecida e uma imagem muito positiva. Não é uma imagem de explorador, colonialista, imperialista ou predadora. Os brasileiros não têm o objetivo de retirar as riquezas de nenhum lugar. Os brasileiros têm objetivos bem mais



Paulo Hegg (à esquerda), em reunião com o presidente da Cevital, Adam Iskounen, o governador do Pará, Simão Jatene, e seus assessores

embassy in Brazil. The governor was able and in a few months an embassy was opened in Brazil and afterwards we opened one (Brazilian) in Khartoum. From then on I began to cultivate that friendship and learn more about the country.

ATLANTICO – Did you begin with a cotton plantation?

Paulo Hegg – I began by exporting furniture. After that, I started importing irrigation technology. I brought a Brazilian company there to implement an office for working on starting an irrigation process in the country. Then I brought a project for a sugar and alcohol processing plant to Brazil. I even sent seed samples for testing there. That was when I showed photographs of the Brazilian soybeans, grown in a flowerbed to have a notion if the Brazilian soybeans would grow

in that soil. I sent those photographs to several Brazilian soybean grower friends, and one of them became interested in visiting the country. We spent a few weeks together in Sudan, and he just fell in love with the pilot project, where there were 500 hectares of cotton and soybeans, all of it employing Brazilian technology, management, seeds, and equipment. The Agricultural Ministry agreed to fund that experiment using government resources. At the end of 2010 and the very beginning of 2011 and we harvested ten times more cotton than the Sudanese normally do. Due to that result, the government asked us to set up a partnership, partnering with the in 80 thousand hectares. Our participation was proving the management, technical responsibility for the project, resources, and institutional support.

The farmlands were granted by an Arabian group. So, at that time, a partnership company was created named the Sudanese Brazilian Modern Agriculture Partnership (SB-MAPA), where we have 50% of the capital and the other 50% is divided equally between the Agricultural Ministry and the Arabian group. We are harvesting from the 9 thousand hectares of cotton. The majority is assigned for exportation.

ATLANTICO – How do you evaluate those results?

Paulo Hegg – The adverse economic conditions of the country, the stage of development, and democracy are a little backward. That interfered in the project, so that we could not achieve great results in the beginning. Nowadays, I am more conscious of the limitations in Africa. I would say that this is generally true in the continent, not just in Sudan. I already know Africa very well and it is a challenge for us, as Brazilians, we know the necessity for helping those brothers. The development level there is more backward than ours. We can contribute to improving their standard of living, we need to believe that and adopt that as an engagement strategy. Brazil is certainly a reference to Africa. I am sure that we have the knowhow, their friendship, and good will.

ATLANTICO – The government of Sudan supports what you are doing there, but how has the Brazilian government granted you incentives in that way?

Paulo Hegg – There is no need for support from the Brazilian government in this initial phase, as it is a personal project. The Brazilian government has helped me though our embassy. But in the practical point of view, we do not need any help, any facilities from the Brazilian government. Even furthermore as the country is default in their payments to Brazil.

ATLANTICO – And how can we evaluate our international com-

ENTREVISTA

amplos, com solidariedade, transferência de tecnologia, formação de recursos humanos. São objetivos visados no desenvolvimento econômico como um todo e no crescimento de renda.

ATLANTICO - Quais os desafios para que os investidores brasileiros possam se beneficiar desses aspectos positivos?

Paulo Hegg - É preciso ter muito apoio do governo brasileiro no sentido de se estabelecer vínculos com os governos africanos. É preciso garantir que os países que negociam com o Brasil cumpram com os acordos. E isso só se faz entre governos. É preciso, sim, que o governo brasileiro olhe mais de perto, com mais acuidade para essas oportunidades, abrindo portas para mais exportações nos próximos anos. Hoje o continente africano já tem 1 bilhão de pessoas. Em 35 anos serão dois bilhões.

ATLANTICO - Como está o andamento do projeto para implementar um instituto de pesquisa agrícola no Sudão?

Paulo Hegg - Nós formatamos todo o pacote de know-how, tecnologia de sementes, em diferentes estágios para o desenvolvimento de pesquisa. Essa é uma iniciativa que tem que ser financiado por bancos internacionais ou pelo próprio governo, porque não é uma operação que vise lucro. É uma operação que visa desenvolvimento. Falta recurso financeiro no país para investir num centro de pesquisa como esse que é fundamental para o desenvolvimento agrícola da África como um todo. O Brasil já conseguiu o sucesso na agricultura. Há investimento feito anos atrás em pesquisa e desenvolvimento pela Embrapa. Mas não cabe a nós investir nisso, e sim ao governo ou a fontes internacionais. É uma questão institucional. É preciso viabilizar apoio de entidades internacionais para poder financiar o projeto, que não é caro. Com 7 ou 8 milhões de dólares a gente consegue mudar radicalmente o

futuro do país com a implantação desse centro de pesquisa de excelência.

ATLANTICO - O senhor já trabalhou com África em vários segmentos econômicos. Que setores oferecem hoje mais oportunidades para o empresariado brasileiro?

Paulo Hegg - Para começar, equipamentos agrícolas. Também acredito que tudo que é construção civil também tem vez. Aliás, tudo que é manufaturado, além da agroindústria e da indústria têxtil.

ATLANTICO - O Sudão fica numa região estratégica, próximo do Magreb e ao Oriente Médio. Qual a importância da aproximação do Brasil com o Sudão e com outros países do Norte da África? Como avalia os movimentos que os empresários têm feito na região?

Paulo Hegg - O governo brasileiro e a Câmara do Comércio Árabe Brasileira têm feito um papel im-



Samuel Pinheiro Guimarães, Paulo Hegg e Celso Marcondes durante o 2º Fórum Brasil África



Paulo Hegg concedendo entrevista



"I ALREADY KNOW AFRICA VERY WELL AND IT IS A CHALLENGE FOR US, AS BRAZILIANS, WE KNOW THE NECESSITY FOR HELPING THOSE BROTHERS".

petitors? What is the role of Brazil in this context?

Paulo Hegg – Brazil has state-of-the-art technology on seed development. There is even a similar cultural origin and the portrayal of a very positive impression. There is no impression as an exploiter, colonist, imperialist, or predator. Brazilians do not seek to deplete the wealth from any place. Brazilians have broader goals; including solidarity, transfer of technology, and the preparation of human resources. Those are the goals seeking economic overall development and increased revenues.

ATLANTICO – What are the challenges that Brazilian investors can benefit from in these positive aspects?

Paulo Hegg – It is necessary to get a lot of support from the Brazilian government regarding the establishment of connections to African governments. It is necessary to assure that countries to negotiate with Brazil so that they comply with agreements. And that is done only among governments. It is necessary, yes, that the Brazilian government looks more closely and more acuity at these opportunities, opening doors for more

exportations in the next few years. Nowadays, the African continent has over 1 billion people. And in 35 years that will double.

ATLANTICO – What is the progress like for implementing the agricultural research institute in Sudan?

Paulo Hegg - We have prepared the entire knowhow package on seed technology, and in different stages of research development. That is an initiative that has to be funded by international banks or by the government itself, because it is a non-profit transaction. It is a transaction for the purpose of development. Financial resources are missing for investing in a research center, as this is fundamental for the overall development of African agriculture. Brazil has already achieved success in agriculture. Due to investments made years ago in research and development by Embrapa. But it is not our role to invest in this, but that is for the government or international sources. It is an institutional issue. It is necessary to get support from international entities to finance the project, which is not the case. With 7 or 8 million dollars, we will be able to radically change the future of the country through the implementation of this center of research excellence.

ATLANTICO – You have already worked in various economic segments in Africa. What sections nowadays offer the greatest opportunities for the Brazilian businessman?

Paulo Hegg – First-of-all, agricultural equipment. I also believe there is a big opportunity for civil construction now. Besides that, all manufactured goods, agro-industry, and the textile industry.

ATLANTICO – Sudan is in a strategic region, as it is near Maghreb and the Middle East. Why is it important for Brazil to approach Sudan and other coun-



portante, em todo os espectros de atividades. A importância da posição geopolítica do Sudão é muito grande porque aquela região tem um grande mercado consumidor e fica próximo ao mercado europeu, grande importador de alimentos, e o Sudão pode se tornar o verdadeiro celeiro de toda a região tanto da África, como do Oriente Médio e até mesmo da Europa. E, por que não dizer, da China? Porque a região está no caminho da China. Então, acho que o Sudão pode se tornar uma plataforma avançada brasileira, agroindustrial. Tem água suficiente, água de irrigação, de chuva, de subsolo, tem uma terra excelente, topografia excelente.... O que está faltando? Apenas tecnologia e management. Estamos tentando implantar lá faz seis anos. Realmente estamos um pouco perto do que poderíamos fazer. Falta, ainda, o apoio institucional e o apoio cultural. É um processo lento. Acredito que o nosso esforço vai ser dissipado, pulverizado. Tem muitos empresários brasileiros fazendo a mesma coisa.

ATLANTICO - O senhor tem investido em outros países do continente africano?

Paulo Hegg - Nós já fomos convidados para irmos para a Etiópia, Zimbábue, Moçambique, Angola. Mas não sentimos, por uma razão ou outra, que seja o momento de irmos. Cada país precisa acreditar na agricultura. Precisa disponibilizar recursos humanos e financeiros para isso, tornando isso uma prioridade. Eu acredito que isso não seja uma prioridade em Angola ou Moçambique. É um caminho, uma lição de casa que nós temos que fazer: ganhar experiência, saber como lidar com mão-de-obra local, para ver o que precisar investir em cada um desses países. Os africanos, em geral, estão abertos a receber know-how, mas eles têm um padrão de educação diferente, têm outra maneira de agir. O tempo deles é muito diferente do nosso. Na

GLOSSÁRIO

Management: Conjunto de conhecimentos referentes à organização e à gestão de uma empresa; administração.



agricultura moderna, você precisa ter gente preparada para agir de acordo com o planejamento e essa é a grande falha na África: a falta de respeito ao planejamento.

ATLANTICO – Como tem sido a experiência de levar o grupo Cevital, de origem argelina, a investir no agronegócio brasileiro?

Paulo Hegg - A experiência é gratificante porque eu tive a felicidade de poder convencer os argelinos a acreditarem no potencial da agroindústria e da estrutura logística em uma região extremamente importante para o agronegócio brasileiro, que é o Centro-Oeste

e o Norte do Brasil. Faz dois anos que os trouxe ao Brasil e eles se convenceram de que valia a pena fazer esse investimento, melhorando os transportes ferroviário e fluvial, agregando valor à produção agrícola, criando empregos, oferecendo melhores rendimentos aos brasileiros. Isso ainda gera receita para os Estados como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, entre outros.

ATLANTICO - Há novos investimentos no Brasil em perspectiva?

Paulo Hegg - As expectativas são muito grandes. Estamos negociando a etapa inicial da construção do complexo industrial em Vera, no Estado do Mato Grosso, na construção de terminais portuários e agroindustriais em Villa do Conde, no Pará, ferrovia de Marabá até Villa do Conde. E na segunda etapa, de Santana do Araguaia até Marabá. É o que todos nós brasileiros estamos esperando nas últimas décadas: a integração regional e ampliação da malha ferroviária e logística para escoar a riqueza que está sendo produzida no Centro-Oeste brasileiro, aumentando a viabilidade de exportação dos nossos recursos, e permitindo ao agricultor um aumento de receita. Como ele vai ter um custo de logística mais baixo, vai se beneficiar com o aumento de receita. Permitindo aos governos arcar com a ação de recursos através dos impostos gerados pela agroindústria. Criação de empregos de melhor qualidade na agroindústria, geração de divisas. Produtos de valor agregado valem muito mais por tonelada que a matéria-prima. Assim nós vamos reverter o ciclo de desenvolvimento do Pará que é um grande exportador de matéria prima, mas com uma renda per capita muito baixa. Podemos aumentar essa renda per capita através da industrialização dessas matérias primas que estão sendo cotadas gerando emprego pro exterior e não no Brasil.

tries in Northern Africa? How do you evaluate the changes the businessmen have made in the region?

Paulo Hegg – The Brazilian government and the Brazilian Arabian Chamber of Commerce have an important role, in all spectrums of activities. The importance of the geopolitical position of Sudan is very great because that region has a large consumer market and it is close to the European market, a big importer of foodstuffs, and Sudan can become the next breadbasket for the entire African region, as well as for the Middle East and even for Europe. And, why not talk about China? Because that region is on the route to China. So, I believe that Sudan can become an advanced agro-industrial Brazilian platform. There is enough water, irrigation water, underground, there is excellent soil and topography... So, what is missing? Only technology and management. We have been trying to implement this program for six years. We are really close to what we could do. Institutional support and cultural support are still missing. It is a slow process. I believe that our efforts will be dissipated and pulverized. There are many Brazilian businessmen who are doing the same thing.

ATLANTICO – Have you invested in other countries on the African continent?

Paulo Hegg – We have been invited to go to Ethiopia, Zimbabwe, Mozambique, and Angola. But we have felt for one reason or another that it was not the right time to go. Each country needs to believe in agriculture. I need to allocate human resources and funds for that, making that a priority. I believe that this is not a priority in Angola or Mozambique. It is a path; it is an assignment we need to do: gain experience, know how to deal with local manpower, to see what we need to invest in each one of these countries. Africans, in general, are open

GLOSSARY

Management: It is a set of different kinds of knowledge referring to organizing and managing a company: administration.



to receiving know-how, but they have a different standard of education, they have other ways of acting. Their timing is very different from ours. In modern agriculture, you need to have people who are prepared for acting based on plans and that failure is very evident in Africa: the lack of respect for planning.

ATLANTICO – How has your experience been in taking the Ce-vital group, from Algeria, and invest in Brazilian agribusiness?

Paulo Hegg – The experience has been gratifying because I am fortunate in being able to convince Algerians to believe in the potential of agro-industry and the logistic structure in an extremely important region for Brazilian agribusi-

ness that is the Central-West and the Northern part of Brazil. Two years ago I brought them to Brazil and they were convinced that it was worthwhile to make that investment, in improving railway and fluvial transportation, adding value to agricultural production, creating jobs, offering improved incomes to Brazilians. That will even generate income for such states as Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, and others.

ATLANTICO - Is there a perspective for new investments in Brazil?

Paulo Hegg – The expectations are very great. We are negotiating the initial step in building an industrial complex in Vera, in the State of Mato Grosso, for building port terminals and agro-industries in Villa do Conde, in Pará, a railway from Marabá to Villa do Conde. And the second step is from Santana do Araguaia to Marabá. This is what all Brazilians are expecting in the past few decades: regional integration and expansion of the railway and logistic network for transporting the wealth being produced in the Central-Western part of Brazil, increasing the feasibility of exporting our resources, and enabling the farmer to increase income. And due to this, it will decrease the cost of logistics, and that will benefit in increasing income. Allowing for the governments to cover the costs for this initiative through tax revenues generated by the agro-industry. It will create better quality jobs in agro-industry, generate divisions. Added value products are worth much more per ton than raw material. And this way, we will revert the development cycle in Pará State that is a big exporter of raw material, but the per capita income is very low. We can increase that per capita income through the industrialization of those raw materials that are being quoted, generating employment for the foreign market and not for Brazil.



**YOUR
BRAND**



BRAZIL



AFRICA

AN OCEAN OF OPPORTUNITIES FOR YOUR BUSINESS





AGRICULTURE

VOCAÇÃO SE UNE
À TECNOLOGIA
PARA AMPLIAR

PRODUÇÃO

VOCATION JOINS TECHNOLOGY
TO EXPAND PRODUCTION



A África tem um enorme potencial de desenvolvimento e inúmeros recursos para a evolução da agricultura. Possui 60% das terras potencialmente cultiváveis do planeta, a maior extensão do mundo. Não é à toa que o continente africano é chamado por alguns de “grande celeiro que alimentará o resto do planeta”. O Brasil, um dos maiores players mundiais no setor agrícola, tem sido um dos principais aliados dos países africanos em relação ao desenvolvimento da agricultura. A participação brasileira se dá de várias formas.

Criado em 2010 pelo governo brasileiro, para ajudar no combate à fome e no desenvolvimento rural de países do continente africano, da América Latina e do Caribe, o Programa Mais Alimentos Internacional financia a compra de máquinas e equipamentos agrícolas produzidos no Brasil. As condições de crédito são facilitadas. Os governos têm até 15 anos para pagar os empréstimos, com três anos de carência e juros de 2% ao ano. Zimbábue, Moçambique, Senegal, Gana e Quênia já participam do programa.

A primeira remessa dos produtos para o Senegal - 36 tratores, 30 microtratores e 10 roçadeiras - chegaram ao país em abril de 2015. Moçambique, por sua vez, recebeu 513 equipamentos e 2.500 implementos agrícolas, entre plantadeiras, arados para preparo, trabalho do solo e adubação. A próxima etapa do programa vai levar equipamentos que ajudarão na colheita da produção. Os investimentos somam US\$ 32 milhões.

“Temos uma combinação interessante no programa que é o fortalecimento da agricultura familiar em outros países, o fortalecimento da indústria nacional e o estímulo às indústrias de peque-

UM DOS MAIORES PLAYERS MUNDIAIS, O BRASIL É ALIADO DOS PAÍSES AFRICANOS EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA

no e médio porte que começam a acessar esse mercado”, observa Lucas Ramalho, diretor do programa no Ministério do Desenvolvimento Agrário. Ele também lembra que além da venda dessas máquinas, o programa Mais Alimentos incentiva a fixação de representantes de vendas, do serviço de pós-venda e de assistência técnica no local. “As empresas que vendem para o programa devem necessariamente prestar esse tipo de serviço, o que estimula também a abertura de filiais de empresas brasileiras nesses países”, explica.

INSCRIÇÕES ABERTAS

Mais de 500 empresas brasileiras estão inscritas no programa. No entanto, apenas 30 estão exportando para os países da África. Mas a tendência é que o número cresça - e muito. Isso porque o programa ajuda as empresas do

DIVULGAÇÃO/KEPLER WEBER



setor a conhecer melhor o mercado africano, dando um novo fôlego para os investimentos. “É um mercado que está bem incipiente porque alguns países estão começando a investir em agricultura mais mecanizada”, diz Pedro Estevão Bastos, presidente da Câmara Setorial de Máquinas e Implementos Agrícolas (CSMIA) da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), que reúne cerca de 320 fabricantes associados.

Bastos elogia os esforços do governo brasileiro em viabilizar as exportações através do programa Mais Alimentos e também através da transferência de tecnologia feita por órgãos como a Embrapa.



pa. “É uma forma de criar mercado. Sempre tivemos interesse no setor africano em função de ser uma agricultura tropical como a nossa. Então o nosso maquinário se adapta bem ao tipo de cultura africana”, conta. “Para você ter uma agricultura competitiva, precisa ter maquinário competitivo, e nós temos uma indústria que consegue suprir essa necessidade de produtos com tecnologia”.

“Em termos de qualidade e tecnologia, nós não devemos nada aos concorrentes europeus e norte-americanos. Os produtos chineses ou indianos são mais econômicos, mas possuem, em geral, qualidade inferior”, garante Marcos Brandalise, diretor-presidente

Africa has an enormous potential for development and countless resources for agricultural progress. And 60% of the terrains there are potentially arable for crop growing and that is the largest extension of land area in the world. It is not idly stated that the African continent is called by some as the “largest barn for feeding the rest of the planet”. Brazil is one the biggest world players in the agricultural sector, as it has been one of the main allies of African countries related to agricultural development. The Brazilian participation is applied in various manners.

The “Programa Mais Alimentos Internacional” (More International Foodstuff Program) was created in 2010 by the Brazilian government to help fight hunger and improve rural development in countries on the African continent, Latin America, and the Caribbean for providing funds for purchasing agricultural machines and equipment produced in Brazil. Credit terms are facilitated. The governments grant up to 15 years to pay back the loans, including a 3 year grace period and 2% interest per year. Zimbabwe, Mozambique, Senegal, Ghana, and Kenya have already participated in the program.

The first batch of products to Senegal - 36 tractors, 30 micro-tractors, and 10 brush cutters - arrived in the country in April 2015. In the case of Mozambique, it received 513 items of equipment and 2,500 agricultural implements, among those are: seeders, plows for preparing and cultivating the soil, and fertilization. The next step for the program is to deliver the equipment for harvesting the crop. The investments add up to US\$ 32 million dollars.

“We have a joint interest in the program for strengthening small family farming in other countries,

ONE OF THE MOST IMPORTANT WORLD PLAYERS, BRAZIL IS AN ALLY OF THE AFRICAN COUNTRIES WITH REGARDS TO THE DEVELOPMENT OF AGRICULTURE

strengthening the national industry and fomenting small and medium-sized industries so they can start accessing that market”, states Lucas Ramalho, director of the Agrarian Development Ministry. He also reminds us that besides selling those machines, the More Foodstuff program encourages the definition of representatives for sales, after-sales service, and local technical support. “The companies selling to the program must provide that type of support services, in order to encourage the opening of branches of Brazilian companies in these countries”, he explains.

REGISTRATIONS ARE OPEN

Over 500 Brazilian companies are registered in the program. However, only 30 are exporting to African countries. But the trend is for that number is increasing –

da BrazAfric, que representa empresas brasileiras no Leste da África. Desde 2011, a empresa organiza a cada dois anos uma feira de produtos brasileiros, a Brazil Eastern Africa Expo, todos voltados para quem deseja entrar no mercado africano ou aumentar a participação. Sessenta por cento do que é negociado na feira pertence ao setor agrícola, o que mostra o forte interesse do empresariado brasileiro no setor.

“Nós não olhávamos para o continente africano como um mercado potencial. No final dos anos 1990, nós passamos a olhar para a África de uma maneira mais objetiva”, lembra Antônio Campos, gerente de exportação da brasileira Kepler Weber, empresa líder na armazenagem de grãos na América Latina. “Nós começamos a investigação em casa, com as pesquisas de mercado - depois in loco e assim participamos de feiras internacionais. Hoje temos equipe própria atendendo o continente”.

Para se aproximar ainda mais do mercado, a empresa desenvolveu um produto específico para o produtor africano. O silo Kikapu foi desenvolvido para atender às necessidades dos pequenos produtores e garantir uma produção de grãos com menos perdas. “Nós sabemos que hoje, a agricultura na África subsaariana é formada quase 80% por pequenos produtores com até 5 hectares de área. Então havia necessidade de um equipamento para atender esta demanda. Além disso, a colheita quase que 60% de toda essa produção que foi colhida é perdida em um espaço muito curto de tempo devido à conservação do grão”, explica Antônio Campos. Atualmente, o mercado africano responde por cerca de 15% do total exportado pela Kepler Weber. Mas a expectativa, de acordo com o executivo, é tornar a África o segundo maior mercado exportador da empresa.



DESAFIO DE CRIAR UMA CULTURA EXPORTADORA

Apesar das iniciativas - governamentais ou não - são muitos os desafios para que o Brasil aumente sua participação no continente africano. “Falta uma cultura exportadora. O Brasil se esquece do mercado externo. Alguns países europeus, por exemplo, têm clubes de exportação. Existem muitos entraves no Brasil, sobretudo para a pequena empresa”, defende Marcos Brandalise. “O mercado agrícola da África é gigante. E ainda muito pouco explorado, e o que mais falta na África, para as empresas brasileiras, são sistemas de financiamento para serem oferecido lá fora”, destaca Antônio Campos,

“Os países da África, de modo geral, têm muita dificuldade para importar. A maioria não tem recurso para isso. Então, é difícil viabilizar vendas para esses países. O governo brasileiro faz muito, com o Mais Alimentos, mas ter recurso do próprio país é muito difícil”, diz Pedro Estevão Bastos, da Abimaq. Por enquanto, os exportadores brasileiros se beneficiam com a desvalorização do real frente ao dólar. Contudo, o executivo defende os investimentos no continente africano. “A África é um mercado que sempre vamos olhar com bons olhos”.

and a great deal. That is because, the program helps companies in this section to know the African market better, and giving them renewed incentive for the investments. "This market just beginning because some countries are beginning to invest in more mechanized agriculture", says Pedro Estevão Bastos, president of the Agricultural Implement and Machinery Sector Chamber (CSMIA) in the Brazilian Association of Equipment and Machinery (Abimaq), that reunites around 320 associated manufacturers.

Bastos praised the efforts of the Brazilian government in making exportations feasible through the More Foodstuff program and also through the transference of technology performed by government bodies, such as Embrapa. "It is a way to create a market. We have always been interested in the African sector, as its tropical agriculture is similar to ours. So, our machinery adapts very well to African crops", he tells. "In order for one to achieve competitive agriculture, it is necessary to have competitive machinery, and we have the industry that is able to supply that need of technological products".

"In terms of quality and technology, we do not fall behind the European and North American competitors. The Chinese or Indian products are cheaper, but generally the quality is inferior", assures Marcos Brandalise, CEO of BrazAfric, who represents the Brazilian companies in Eastern Africa. Since 2011, the company has organized a Brazilian product tradeshow every two years, the Brazil Eastern Africa Expo, it is completely focused on anyone who wishes to enter the African market or increase their market share. Sixty percent of the negotiations at the tradeshow belong to the agricultural segment and that displays the robust interest of the Brazilian enterprises in this sector.

"We did not look at the African continent as a potential market. But at the end of the 1990s, we started to look at Africa much more purposefully", Antônio Campos remembers, exportation manager for the Brazilian division of Kepler Weber, a leading company in the grain storage market in Latin America. "We started to investigate at home, doing market studies – afterwards in loco (onsite) and then we participated in international tradeshows. Nowadays, we have our own team to provide support to the continent".

So, to approach the market even more, the company developed a specific product for the African grower. The Kikapu silo was developed to serve the needs of small growers and assure a grain crop with decreased losses. "We know nowadays, that the African Sub-Saharan is composed by 80% of small growers with up to 5 hectares in crop area. Then, there was a need for equipment to meet that demand. Besides that, almost 60% of what is harvested is lost in a very short time period, due to faulty conservation of grain storage", explains Antônio Campos. Currently, the African market holds a 15% market share in the total exportation of Kepler Weber. But the expectation, according to the executive, is to make Africa the second largest exportation market in the company.

THE CHALLENGE FOR CREATING AN EXPORTATION CULTURE

In spite of the incentives – governmental or not – there are a great deal of challenges, so that Brazil can enlarge its market share in the African continent. "An exportation culture is missing. Brazil forgets the foreign market. Some European countries, for example, have exportation clubs. There are many barriers in Brazil, especially for a small company", states Marcos Brandalise. "The agricultural market for Africa is gigantic. And it has been exploited very little, and what is missing for Brazilian companies in Africa, funding systems for offering overseas investments, Antônio Campos, emphasizes.

"The countries in Africa, generally, face more hindrances for importation. The majority of the countries do not have the resources for that. Then, it is difficult to make sales feasible to these countries. The Brazilian government is doing much more, through the More Foodstuff program, as having their own resources in the country is very difficult", says Pedro Estevão Bastos, from Abimaq. For right now, Brazilian exporters can benefit from the devaluation of the Real currency compared to the US dollar. However, the executive defends investments in the African continent. "Africa is a market we have always looked at favorably".

3º FÓRUM BRASIL ÁFRICA

O FOCO NA ENERGIA

3RD BRAZIL AFRICA FORUM FOCUS ON ENERGY

Mais de 600 milhões de pessoas que vivem na África não têm acesso a energia elétrica. Embora seja um dos continentes mais ricos em fontes energéticas, somente 7% deste potencial é sendo usado de fato. Com o intuito de trocar experiências, representantes do Brasil e de 30 países africanos se reuniram durante dois dias no 3º Fórum Brasil África, que ocorreu nos dias 19 e 20 de novembro de 2015 em Cabo de Santo Agostinho, Região Metropolitana do Recife, Pernambuco.

O novo presidente do Banco Africano de Desenvolvimento, Akinwumi Adesina, tem a ambição de combater o déficit de fornecimento de energia na África até 2025. A meta é chegar em 2030 com 100% de acesso universal em áreas urbanas. Os dados foram apresentados durante o evento no Brasil pelo Chefe de Mudanças Climáticas do banco, João Duarte Sarmento Cunha.

Várias iniciativas voltadas para o alcance dessa meta foram mostradas durante o fórum, algumas delas já sendo realizadas dentro do continente africano. Entre as experiências apresentadas estão linhas de financiamento, incubadoras de empresas e espaços para parcerias. O Standard Bank, maior banco da África, presente em 20 países do continente, possuía até outubro de 2015 mais de trinta projetos focando nas energias renováveis.

"A maioria dos projetos necessita de um financiamento de 15 anos e é necessário en-



FOTOS GABRIEL MONTE / INSTITUTO BRASIL ÁFRICA



Over 600 million African people have no access to electric energy. Regardless of the fact that the continent is abundant in energetic sources, only 7% of this potential is, in fact, being used. In order to exchange experiences, representatives of 30 different African countries (and Brazil) gathered over two days at the 3rd Brazil Africa Forum, that took place in 19th & 20th November and was held at Cabo de Santo Agostinho, metropolitan region of Recife at the state of Pernambuco.

The new President of the African Development Bank, Mr Akinwumi Adesina, has the ambition of extinguishing the energy supply deficit in Africa by 2025. The goal is to reach 2030 with 100% of universal access in all urban areas. AfDB's Chief of Climate Finance Officer, Mr João Duarte Sarmento Cunha, explained this plan during the course of the event in Brazil.

A number of initiatives aimed

to assist on achieving this goal were presented during the Forum, with some of them already being implemented at the African continent. Amongst these initiatives are financing facilities, Start-up incubators and development of partnerships. Standard Bank, the largest South African financial institution, with presence at over 20 different countries, until October 2015, had more than 30 projects that were focused on renewable energies.

"The majority of the projects needs a 15 year financing plan and

we need to find a balance", says one of the Forum's speakers and Standard Bank's Head of Renewable Energy, Power and Infrastructure, Rentia Van Tonder. The dean of the School of Management and Commerce at Strathmore University, Dr. David Wang'ombe, highlights that desertification and land degradation are among the main challenges to seek sustainability.

One other interesting initiative came from Equatorial Guinea, which invests in a business incubator to encourage new investments in the energetic sector, especially in the oil industry. "GEPetrol will encourage national oil companies and also promote strategies to support, develop and lead companies," says Antonio Oburu Ondo, general director of GEPetrol, the national oil company of Equatorial Guinea.

"Africa and Brazil have similar ecological environments. There is a need to produce our own technology rather than importing from other countries. Brazil has the knowledge to produce aircrafts, trains and therefore we want it

INFRAESTRUTURA

contrar o equilíbrio”, revela Rentia Van Tonder, diretora de energia e infraestrutura do banco e palestrante do Fórum. David Wangombe, decano da Escola de Gestão e Comércio da Strathmore University, destacou que entre “os principais desafios estão a desertificação e a degradação do solo, no esforço necessário de buscar sustentabilidade”.

Uma outra iniciativa veio da Guiné Equatorial, que aposta em uma incubadora de empresas para fomentar novos investimentos no setor energético, sobretudo na área de petróleo. “A GEPetrol irá encorajar companhias nacionais de petróleo e também promover estratégias para apoiar, desenvolver e liderar empresas”, aposta Antonio Oburu Ondo, diretor-geral da GEPetrol, companhia nacional de petróleo da Guiné Equatorial.

“África e Brasil tem ambientes ecológicos similares. Há a necessidade de produzir a nossa própria tecnologia em vez de ser importada de outros países. O Brasil tem o conhecimento de produzir aviões, trens e, por isso, queremos que seja um parceiro nosso”, revela Ekwow Spio-Garbrah, ministro de Comércio e Indústria de Gana, que já tem a expertise de produzir energia a partir das ondas do mar, mas quer ir além.

O ministro de Água, Irrigação e Eletricidade da Etiópia, Motuma Mekasa, aponta os desafios energéticos do país. “A economia da Etiópia está crescendo e tem um enorme potencial para energia hidroelétrica. Devido aos variados biomas, pode-se aproveitar a força do vento, geotérmica e a solar, para maximizar a utilização da energia hidroelétrica, cujo menos de 10% é aproveitado”, garante.

A REALIDADE BRASILEIRA

Um destaque do evento foi o debate sobre as experiências brasileiras que podem inspirar empreendedores e gestores públicos da África. Uma delas é o projeto “Luzes Para Aprender”, realizado

pela Organização dos Estados Ibero-Americanos Para Educação, Ciência e Cultura (OEI), em parceria com a Fundação Endesa. Iniciado em 2012, a iniciativa pretende mudar a realidade de 56 mil escolas rurais sem energia de 14 países ibero-americanos a partir da instalação de painéis fotovoltaicos. “Consideramos esse projeto como um modelo técnico de cooperação e contribuição”, explica Adriana Weska, diretora do escritório da OEI no Brasil.

Metade brasileira, metade paraguaia, a experiência da usina hidrelétrica de Itaipu é considerada modelo de cooperação internacional. Segundo Jorge Miguel Samek, diretor geral brasileiro da Itaipu Binacional, o capital inicial para a construção de Itaipu foi muito baixo. “O próprio empreendimento paga o financiamento com a geração de energia. 99,63% dos investimentos diretos foram feitos por meio de empréstimos e financiamentos”, conta.

CIBIOGÁS E INSTITUTO BRASIL ÁFRICA ASSINAM ACORDO

O Centro Internacional de Energias Renováveis (CIBiogás) e o Instituto Brasil África formalizaram um acordo de cooperação técnica durante o 3º Fórum Brasil África. A parceria visa oferecer capacitação em energias do biogás e apoiar projetos de desenvolvimento sustentável de fontes energéticas.

“O CIBiogás pretende consolidar-se até 2018 como referência nacional em soluções inovadoras, tecnológicas e de negócios para a cadeia do biogás”, comenta Rodrigo Régis de Almeida Galvão, presidente do centro, que participa de um programa de cooperação Sul-Sul oferecendo cursos de capacitação para mais de 700 profissionais de Cabo Verde, Angola, Moçambique e Malawi.

“Um acordo como esse, de transferência de tecnologia, vem reconhecer as ações que já desenvolvemos com nossos parceiros, sobretudo parceiros em África”, afirma João Bosco Monte, presidente do Instituto Brasil África. O evento contou ainda com o patrocínio do BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, fundado em 1952 e principal instrumento do governo para implantação das políticas de indústria e infraestrutura.

O 4º Fórum Brasil África vai acontecer nos dias 29 e 30 de novembro de 2016 nas dependências da Hidrelétrica de Itaipu, em Foz do Iguaçu. Esta edição vai discutir estratégias para o desenvolvimento da agricultura no Brasil e na África.



CIBIOGÁS AND INSTITUTO BRASIL ÁFRICA SIGN AGREEMENT

The International Centre for Renewable Energy (CIBiogás) and Instituto Brasil Africa formalized an agreement of technical cooperation during the 3rd Brazil Africa Forum. The partnership aims to provide training in biogas energy and support sustainable development projects of energy sources.

"CIBiogás intends to consolidate itself by 2018 as a national benchmark for innovative, technological and business solutions for the biogas chain," said Rodrigo Régis de Almeida Galvão, president of the centre, which participates in a South-South cooperation program offering training courses to more than 700 professionals from Cape Verde, Angola, Mozambique and Malawi.

"An agreement like this, for technology transfer, is to recognize the actions that we have developed with our partners, especially partners in Africa," says João Bosco Monte, president of the Instituto Brasil Africa. Also, the event was sponsored by BNDES – Brazil's national bank for economic and social development, founded in 1952 and the government's main instrument for implementation of industry and infrastructure policies.

The 4th Brazil Africa Forum will take place on the 29th and 30th November 2016 at Itaipu Hydroelectric Power Plant's facilities, in Foz do Iguaçu. This edition will discuss strategies for the development of agricultural businesses in, and between, Brazil and Africa.

to become a partner for us", says Ekwow Spio-Garbrah, Minister of Commerce and Industry of Ghana, which already possesses the expertise to produce energy from the sea waves but wishes to go even further.

The Minister of Water, Irrigation and Electricity of Ethiopia, Motuma Mekasa points out the energetic challenges of the country. "The economy of Ethiopia is growing and has huge potential for hydroelectric power. Due to various biomes, one can take advantage of the force of wind and geothermal and solar capacity, to maximize the use of hydroelectric power, which less than 10% is leveraged".

THE BRAZILIAN CONTEXT

A highlight of the event was the debate on Brazilian experiences that can inspire entrepreneurs and policy makers from Africa. One of these experiences is a project called "Luces para Aprender" (Lights for Learning) held by the Organization of Ibero-American States for Education, Science and Culture (OEI), in partnership with Endesa Foundation. Launched in 2012, the initiative aims to change the reality of 56,000 rural schools in 14 Latin American countries without energy by installing photovoltaic panels. "We consider this project as a model of technical cooperation and contribution," explains Adriana Weska, OEI's office director in Brazil.

Half Brazilian, half Paraguayan, the experience of Itaipu's hydroelectric plant is considered to be a model of international cooperation. According to Jorge Miguel Samek, Brazilian general director of Itaipu Binacional, the initial capital for the construction of Itaipu was very low. "The venture itself pays for the financing with the generation of energy. 99.63% of direct investments were made through loans and financing," he says.

NORDESTE DO BRASIL COM CARA DE NORTE DA ÁFRICA



Genipabu é uma das mais belas praias do Nordeste brasileiro. Localizada no município de Extremoz, no Estado do Rio Grande do Norte, o lugar, que engloba um parque turístico com um complexo de dunas, uma lagoa e uma área de proteção ambiental, é considerado um dos principais cartões-postais da região. O ambiente paradisíaco começou a mudar em 1998, quando

um casal de empreendedores resolveu oferecer passeios de camelos sobre as dunas, serviço semelhante ao oferecido em áreas desertas nos países árabes e também na região do Magreb, Norte da África.

No início da década de 90, ao chegar no Rio Grande do Norte, o suíço Philippe Landry lembrou de uma viagem que havia feito ao Marrocos. "Poxa, só faltam aqui dromedários", disse à época. A ideia de oferecer o passeio ficou guardada por um tempo até ele conhecer a turismóloga Cleide

Batista, que transformou o projeto em realidade. Mas o processo foi bem complexo. "A primeira importação foi até fácil. Esperamos cerca de nove meses. Mas as importações seguintes foram mais burocráticas porque as exigências foram triplicadas", lembra Cleide. "Hoje, você não passa menos de dois anos para conseguir uma importação dessa, porque a legislação brasileira mudou radicalmente". Como o Brasil não aceitava animais que vinham da África, o casal teve que importá-los da Espanha.

NORTHEASTERN BRAZIL, LOOKS JUST LIKE NORTHERN AFRICA



Genipabu is one of the most beautiful beaches on the northeastern Brazilian coast. It is located in the town of Extremoz, in the State of Rio Grande do Norte; the location surrounds a tourist park including a complex of sand dunes, a pond, and an environmental conservation area. It is considered as one of the main picture postcards of the region. The paradisiacal environment began to

change in 1998, when a couple of entrepreneurs decided to offer camel rides over the dunes, a service similar to the one offered in desert areas in Arabian countries and also in the Magreb region in Northern Africa.

In the beginning of the 1990s, when Philippe Landry, Swiss, arrived in Rio Grande do Norte and he was reminded of a trip he took to Morocco. "Gee, just the dromedaries are missing" he said at that time. The idea of offering camel tours stuck in his head for some time, until he met Cleide Batista,

a tourologist, who transformed the project into a reality. But, the process was quite complex. "The first importation was not difficult. It only took us about nine months. But the following importations were much more bureaucratic, because the requirements were tripled", remembers Cleide. "Nowadays, it takes you over two years to perform the importation process, as Brazilian legislation has changed radically". As Brazil did not accept the animals from Africa, the couple had to import them from Spain.

TURISMO

De lá para cá, foram outras duas levadas de dromedários. A Dromedun, empresa dos dois que administra os passeios, já tem 20 animais, 13 nascidos em cativeiro. “Já temos dromedários brasileiros”, comemora. Cleide revela que pretende alcançar a marca de 50 animais nos próximos anos e que, para isso, estuda levar o passeio para outros Estados brasileiros. “Vamos perder o título de exclusivos da América do Sul e passaremos a ser pioneiros porque fomos os primeiros do Brasil”, lamenta. A empreendedora refere-se à colega Edinaide Souza, que já explora o segmento turístico na praia de Canoa Quebrada, no Ceará, vizinho ao Rio Grande do Norte e que agora aventura-se no ramo de passeios de dromedários.

“Nós estávamos em busca de um atrativo novo para Canoa, para incrementar mais o turismo. Já tínhamos a agência de viagens, o passeio de buggy e estávamos atrás de novidade. Um dia eu vi uma reportagem sobre o Pará onde as pessoas faziam passeios em cima de búfalos”, conta. “A princípio, pensamos em oferecer o mesmo, mas vimos que era inviável por conta de fatores como a temperatura. Daí pensamos na possibilidade de trazer dromedários, porque já havíamos tentado uma vez, uns anos atrás”. Edinaide argumenta que os dromedários foram escolhidos porque o clima do Ceará é muito parecido com o do Norte da África, de onde vêm os animais. “A legislação brasileira é um pouco burocrática, apesar dos dromedários não serem considerados animais silvestres. Estamos no processo de importação desde maio de 2014”, diz. “A primeira vez viajei como turista e tive ajuda de uma agência de viagens local. Essa agência me apresentou a uma pessoa que cria dromedários e nós conversamos sobre o negócio.

SHUTTERSTOCK / I9PHOTOS





Since then, there have been another two shipments of dromedaries. Dromedunas is the name of the company administrating the tours; there are already 20 animals, 13 born in captivity. "We already have Brazilian dromedaries", she celebrates. Cleide reveals that she intends to reach the target of 50 animals in the next few years and to do this, we need to take the tour to other Brazilian states. "We are going to lose exclusivity in South America and we will become pioneers because we were the first in Brazil", she laments. The entrepreneur refers to her friend Edinaide Souza, who is already exploiting this tourism segment at the Canoa Quebrada Beach, in Ceará State, neighboring Rio Grande do Norte, and now it is adventuring into the field of dromedary tours.

"We are searching for a new tourism attraction for Canoa, in order to increment tourism even more. We already had a travel agency, dune buggy ride, and we were searching for something new. One day, I saw a TV report from Pará State, where people ride buffalos", she tells. "In the beginning, we thought about offering the same, but we could see it was unfeasible due to the temperature factor. Then, we thought about the possibility of bringing dromedaries, because we had already tried once, some years previously". Edinaide states that dromedaries were selected, due to the climate in Ceará State that is very similar to Northern Africa, where the animals come from. "Brazilian legislation is a little bureaucratic, even though dromedaries are not considered as wild animals. We have been in the importation process since May 2014", she says. "The first time I traveled as a tourist and I had the help of a local travel agency. That agency introduced me to a person who raised dromedaries and we spoke about the business.

TURISMO

Voltei meses depois e fechamos o negócio”, explica Edinaide, que fez várias viagens ao Marrocos para dar continuidade aos trâmites de importação e chegou a contratar uma empresa especializada em exportação e importação de animais. “Muitas vezes a gente pensa em desistir porque o processo é muito complicado, principalmente no Brasil”.

A saga dos dromedários é longa. Eles virão de avião do Marrocos para São Paulo. Depois serão transportados para Fortaleza, capital do Ceará. Depois serão mais algumas horas até a praia de Canoa Quebrada, totalizando cerca de 10.500 km. São quatro machos e duas fêmeas, uma delas ficou grávida no cativeiro, durante o processo de importação. “Estamos contratando um veterinário que tem experiência com animais grandes e trazendo um tratador do Marrocos para dar uma assistência por 90 dias”, adianta Edinaide. “Eles já vêm domesticados, aptos a trabalhar”, diz a empresária, que agora se prepara para promover a divulgação do novo serviço junto ao trade turístico. Enquanto isso, o passeio da Dromedunas segue como referência para o setor turístico do Rio Grande do Norte. “Posso dizer que a nossa empresa é uma das que mais gera mídia para o Estado”, brinca Cleide Batista.

“A maioria dos turistas já sabe da existência do passeio porque viu em vários programas de televisão”, relata a guia de turismo Priscilla Medeiros. “Os turistas brasileiros são os que mais gostam do passeio. Os estrangeiros raramente se interessam, talvez porque já visitaram e fizeram passeios com camelos em outros países”.

CESAR I. MARTINS



O dromedário ou camelo árabe (*Camelus dromedarius*) é um animal mamífero nativo da região Nordeste da África e da parte ocidental da Ásia, pertencente à família Camelidae, sendo um parente próximo dos camelos. Os dois se diferem fisicamente por três coisas, a principal delas é o número de corcovas. Enquanto os camelos têm duas corcovas, os dromedários só possuem uma. As corcovas são importantes depósitos de gordura que permitem aos animais percorrerem longas distâncias e passar muitos dias sem beber água. Além disso os dromedários são rápidos e resistentes e podem correr a 16 km/h por até 18 horas seguidas.

The dromedary or Arab camel (*Camelus dromedarius*) is a mammal native to the North-eastern region of Africa and the western part of Asia, it belongs to the Camelidae family, as it is the closest relative of camels. There are three physical differences between the two animals, the main one is the number of humps. Camels have two humps, while dromedaries have only one. The humps are important storage areas for fat making it possible for the animal to travel long distances and for many days without drinking water. Besides that, dromedaries are fast and strong animals and can run 16 km/hr. and up to 18 hours nonstop.

PASSEIO / RIDE

Um passeio de 15 minutos custa 50 reais. Já um passeio de meia hora custa 75 reais.



The cost for the 15-minute ride is R\$ 50. And a half hour ride costs R\$75

CIDADÃ

A funcionária pública Hiany Teixeira foi surpreendida pelos bichos. “Vim atrás de uma praia mais tranquila e encontrei Genipabu. Subi as dunas para fazer umas fotos e para minha surpresa os dromedários estavam lá com seus treinadores”, conta. “Não resisti a uma foto”.

ARQUIVO PESOAL



CITIZEN

Hiany Teixeira, a civil servant was surprised by the animals. “I was looking for a calmer beach and I discovered Genipabu. I got on the sand dunes and to my surprise, I saw dromedaries there with their trainers”, she tells. “I couldn’t resist taking a photograph”.

I returned some months later to close the business deal”, explains Edinaide, who has taken several trips to Morocco to continue the importation procedures and she even contracted a specialized company in import-export of animals. “Many times, we even thought about giving up, as the process is so complicated, especially in Brazil”.

The saga of the dromedaries is long. They come by plane from Morocco to São Paulo. After that, they are shipped to Fortaleza, the capital city of Ceará. After that, they travel a few hours to the beach of Canoa Quebrada, a total journey of 10,500 km. There are four males and two females, one of them became pregnant in captivity, during the importation process. “We are contracting a veterinarian who has experience in large animals and bringing a handler from Morocco to give us support for 90 days”, tells Edinaide. “They come already domesticated, prepared for work”, says the entrepreneur, who is now preparing to publicize the new service in the tourist trade. Meanwhile, the tour at Dromedunas continues as a reference for the tourism sector of Rio Grande do Norte. “I can say our company is one that generates the most media for the State”, jokes Cleide Batista.

“The majority of tourism already know about the tour because they have seen several television programs showing it”, tells the tour guide, Priscilla Medeiros. “Brazilian tourists are the ones who like the tour the most. Foreigners are rarely interested, as they have already visited and taken tours on camels in other countries”.

A FORÇA ESTRATÉGICA DE UMA **ALIANÇA MILITAR**

THE STRATEGIC STRENGTH OF A MILITARY ALLIANCE

Pelo menos 6.820 quilômetros (4238 milhas) separam Brasília de Windhoek, capital da Namíbia. Essa distância, porém, vem diminuindo nas últimas décadas por conta de um acordo de cooperação militar assinado entre os dois países 1994 e renovado em 2001. “Brasil e a Namíbia promovem os mesmos valores universais, expressamente definidos em ambas as Constituições. Ou seja, a cooperação militar entre os dois países fomenta outros campos mais amplos de interesses comuns”, afirma Guilherme Souza Dias, Adido de Defesa, Naval, do Exército e da Aeronáutica do Brasil na Namíbia.

A Namíbia é uma nação relativamente jovem - a independência do país em relação à África do Sul é datada de 21 de março de 1990. Nessa época, o país não tinha força de defesa e, por isso, ela teve que ser construído a partir de então. Em 2016, Brasil e Namíbia completam 22 anos de trabalhos conjuntos. “O resultado da cooperação pode ser considerado satisfatório para os dois países”, aponta Dias.

A partir da formação de um núcleo de oficiais em centros de instrução da Marinha do Brasil, foi possível à Namíbia criar a sua Marinha já em 7 de outubro de 2004, 10 anos depois que os primeiros quatro oficiais-alunos iniciaram seus estudos. Considerando todo o período de cooperação bilateral, a Marinha da Namíbia efetuou mais de 1.500 cursos no Brasil, o que já permite ao país africano formar parte significativa do pessoal de sua Força Naval em seu próprio território. No campo do material de Defesa, a Namíbia adquiriu no Brasil equipamentos novos e similares aos utilizados pela nossa Marinha, o que lhes favoreceu uma capacitação militar-naval e contribui com o fomento da base industrial nacional de defesa.

At least 6,820 kilometers (4,238 miles) separate Brasília from Windhoek, the capital of Namibia. That distance, however, has been decreasing in the last decades due to a navel cooperative agreement signed by both countries in 1994 and renewed in 2001. “Brazil and Namibia promote the same universal values, expressively defined in both Constitutions. Which is as follows: the military cooperation between the two countries foment other broader fields of common interest”, states Guilherme Souza Dias, Defense Navel Attaché, of the Brazilian Army and Air Force in Namibia.

Namibia is a relatively young nation – it became independent from South Africa on March 21st 1990. At that time, the country did not have any defense force and for that reason, it needed to start being prepared at that time. In 2016, Brazil and Namibia completed 22 years of cooperative work. “The cooperative results can be considered as satisfactory for both countries”, states Dias.

After the preparation of a nucleus of officers at the Brazilian Navy training center, it was possible for Namibia to create its Navy in October 7th 2004; 10 years after the first four officer-students started their studies. Considering the entire bilateral cooperative period, the Namibia Navy has already taken over 1,500 courses in Brazil, thus, the African country has already trained a significant portion of its personnel in its Navy in its own country. In the field of Defense material, Namibia has already purchased new equipment from Brazil, similar to what our own Navy uses, as this has favored its military-navy capacity and contributed to fomenting the national defense industrial base.



COOPERAÇÃO

O coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Conflitos Internacionais da Universidade de São Paulo (USP), Sérgio Luiz Cruz Aguilar, também ressalta a importância do acordo para a diplomacia brasileira. Segundo ele, acordos como esses são importantes porque o país mantém boas relações e projeta poder numa das áreas prioritárias da defesa que é o Atlântico Sul, que engloba também parte da costa africana. “É uma relação assimétrica: o Brasil fornece material, expertise e treinamento para a Namíbia e em troca temos boas relações e o apoio deles em nossos interesses nos fóruns multilaterais”, aponta.

Para o pesquisador, defender o Atlântico Sul é fundamental para o comércio marítimo do Brasil, que se utiliza no todo ou em parte da região. “A instabilidade em partes do globo, como no Mediterrâneo e no Golfo Pérsico pode aumentar a importância do Atlântico Sul como rota. Além disso, as descobertas de riquezas, principalmente no sub solo (como o pré-sal) podem gerar interesses externos contra os quais temos que estar preparados”, defende.

Publicado em 2012, o Livro Branco de Defesa Nacional, documento redigido pelo governo brasileiro para definir estratégias de Defesa de médio e longo prazos, aponta a região do Atlântico Sul como vital para o Brasil uma vez que 95% de todo o comércio exterior do País é realizado por navios. “A Marinha do Brasil atua individualmente no combate às atividades ilegais em suas águas jurisdicionais e no Atlântico Sul, de acordo com as convenções internacionais. Com as Marinhas africanas, a Marinha brasileira fornece instruções, cursos e adestramentos para o combate às atividades ilegais e participa de exercícios navais com este propósito, sempre de comum acordo e em cooperação com cada Marinha”, explica o Contra-Almirante Flávio Augusto Viana Rocha.



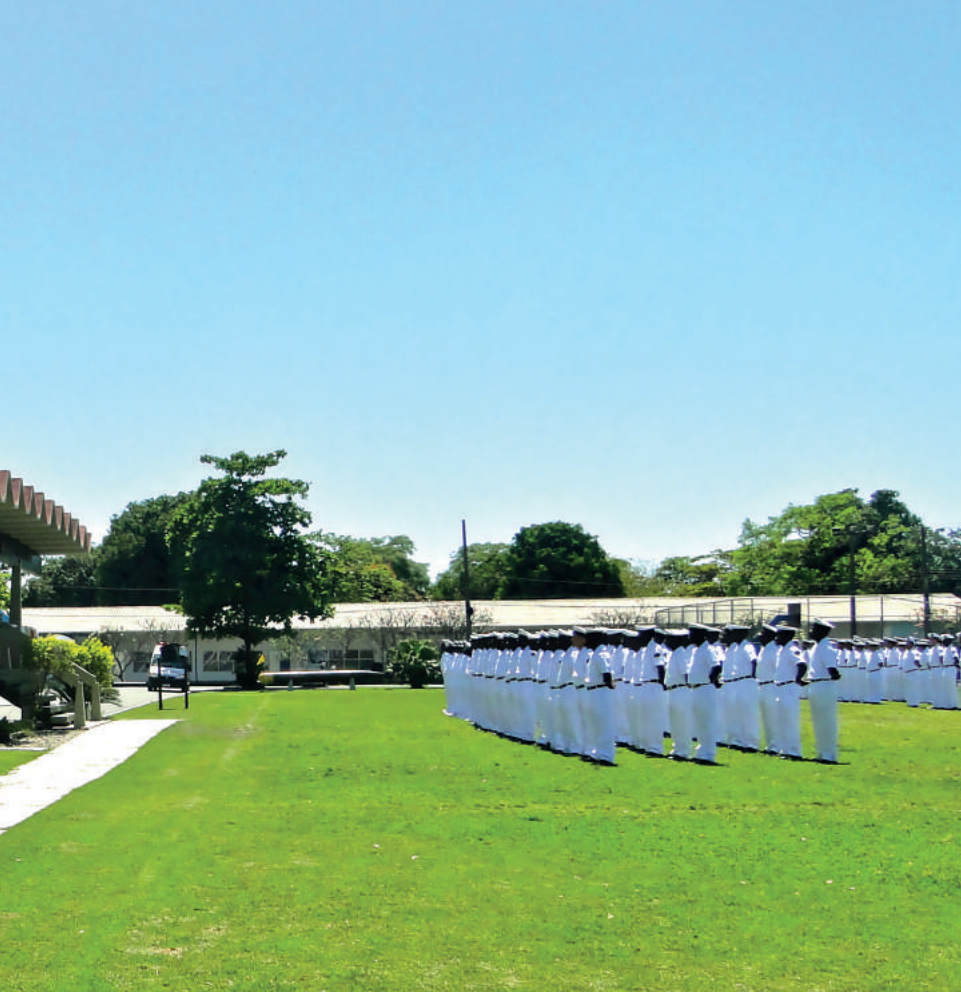
HISTÓRICO

Desde a década de 60, o governo brasileiro acompanha o processo de Independência da Namíbia. O mais expressivo ato de apoio ao país africano ocorreu em 1987 quando, ainda no exílio, Sam Nujoma, considerado Founder Father da Namíbia, foi recebido pelo então Presidente do Brasil, José Sarney, com honras de Chefe de Estado. Posteriormente, em dezembro de 1991, o então presidente Fernando Collor de Mello visitou a Namíbia, abrindo caminho para o desenvolvimento de cooperações em vários setores.

O Brasil tem uma importante participação também no período pós-independência. Em fevereiro de 1994, a Marinha do Brasil enviou a Fragata “Niterói” para fazer parte da festividade de transferência do porto de Walvis Bay da África do Sul para a Namíbia, que era a última questão pendente relacionada ao processo de Independência. A Fragata “Niterói” foi, então, o primeiro navio militar estrangeiro a visitar o porto namibiano, permanecendo em Walvis Bay de 1º a 5 de março. O Acordo de Cooperação entre as Marinhas foi assinado naquela ocasião. “Isso exemplifica a atuação conjunta e harmônica de duas instituições brasileiras fundamentais do nosso país que atuam no campo internacional: o Ministério das Relações Exteriores e a Marinha do Brasil”, afirma Guilherme Souza Dias.

SINERGIA

“Há duas qualidades que favorecem o fortalecimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Namíbia: o namibiano é um povo que busca estabelecer uma relação de longo prazo estruturada na confiança mútua e o brasileiro é um povo que procura uma relação cooperativa, em que ambos os atores recebam os benefícios pelo que está sendo construído”, .



The supervisor of the Research and Study Group on International Conflict at the São Paulo University (USP), Sérgio Luiz Cruz Aguilar, also emphasizes the importance of the Brazilian diplomatic agreement. According to him, agreements like these are important because the country maintains good relations and shows power in one of the priority areas of defense in the Southern Atlantic region that also includes a large portion of the African coastline. "It is an asymmetric relation: Brazil supplies materials, expertise, and training to Namibia and in exchange, we have good relations and support from them on our interests in multilateral jurisdictions", he states.

For the researcher, defending the Southern Atlantic Ocean region is fundamental for the maritime trade of Brazil that is utilized in the entire or in part of that region. "Instability in parts of the world, such as in the Mediterranean and the Persian Gulf can increase the importance of the Southern Atlantic Ocean as a shipping route. Besides that, the discoveries of wealth, especially in the subsoil (as in the pre-salt layer) can generate foreign interests against which, we have to be prepared", he defends.

The White Book of National Defense was published in 2012, a document prepared by the Brazilian government for defining Defense strategies in a medium and long range period, and this document points out that the Southern Atlantic Ocean region as vital for Brazil, since 95% of all foreign commerce of the Country (Brazil) is by vessels. "The Brazilian Navy individually actuates in combating illegal activities in its jurisdictional waters and in the Southern Atlantic Ocean, according to international conventions. The Brazilian Navy supplies instruction, courses, and training to African Navies for this purpose, always in common agreement and in cooperation with each Navy", explains the Rear Admiral, Flávio Augusto Viana Rocha.

HISTORY

Since the 1960s, the Brazilian government has been following up the Independence process of Namibia. The most expressive act for supporting the African country took place in 1987 while still exiled, Sam Nujoma, who is considered the Founder Father of Namibia, was received by the Brazilian President at that time José Sarney, with honors as the Chief of State. Afterwards, in December 1991, Fernando Collor de Mello, the President at that time, visited Namibia, opening the pathways for developing cooperation in various sectors.

Brazil also played an important role in the post-independence period. In February 1994, the Brazilian Navy sent "Niterói" Frigate to participate in the festivities at the Walvis Bay Port in South Africa to Namibia, which was the last pending item related to its independence process. The "Niterói" Frigate was at that time, the first foreign vessel to visit the Namibian port; it remained in Walvis Bay from March 1st to the 5th. The Cooperative Agreement between the Navies was signed at that time. "That exemplifies the joint and harmonious action of the two fundamental Brazilian institutions in our country actuating in the international field: The Foreign Relations Ministry and the Brazilian Navy", states Guilherme Souza Dias.

SINERGY

"There are two qualities favoring the strengthening of diplomatic relations between Brazil and Namibia: the Namibian people seek to establish a long-term structured relation of mutual trust and Brazilians are people who seek a cooperative relation, thus both parties reap benefits from what is being constructed".

OUTROS BENEFÍCIOS PARA O BRASIL

NA ESFERA ECONÔMICA

O estaleiro Inace construiu, entre 2009 e 2010, um navio-patrolha e duas lanchas-patrolha para a Marinha da Namíbia, embarcações similares às existentes na Marinha do Brasil. O esforço continuado da Força Naval brasileira para alcançar uma produção seriada de navios permite obter ganho em escala e, consequentemente, a redução de custos de produção e aquecimento do parque industrial.

NA ESFERA SOCIOCULTURAL

A Namíbia faz parte da Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP) como membro observador. Cerca de 30% da população na região norte do país já fala português naturalmente, pela proximidade com Angola. Por conta da formação de Oficiais e Praças namibianos no Brasil, grande parte da Marinha da Namíbia é fluente em português. Isso abre espaço para maior intercâmbio cultural e comercial.

OUTROS DESTAQUES

HOJE NA NAMÍBIA

Há dois grupos de apoio, que são a Missão de Assessoria Naval na Namíbia com 5 Oficiais e 11 Praças e o Grupo de Assessoramento Técnico de Fuzileiros Navais com 6 Oficiais e 24 Praças.

MILITARES FORMADOS

No Brasil, já foram formados 1614 militares entre Oficiais e Praças da Marinha da Namíbia.

OUTROS PAÍSES

Além da Namíbia, as Marinhas dos seguintes países da África enviam militares para cursos na Marinha do Brasil: África do Sul, Angola, Cabo Verde, Camarões, Moçambique, Nigéria, São Tomé e Príncipe e Senegal.

ACORDOS DE DEFESA

Além da Namíbia, o Brasil assinou acordos de cooperação na área da defesa com outros países da África como Cabo Verde, África do Sul, Guiné Bissau, Moçambique, Nigéria, Senegal, Angola e Guiné Equatorial.

Fonte: Marinha do Brasil

Cronologia das relações bilaterais

1987 – Visita de Sam Nujoma ao Brasil como líder da SWAPO, quando foi recebido pelo Presidente José Sarney

1989 – Abertura do Escritório de Observação do Governo brasileiro em Windhoek

1990 – Criação da Embaixada do Brasil em Windhoek

1991 – Visita do Presidente Fernando Collor a Windhoek

1994 – Assinatura de Acordo de Cooperação Naval

1995 – Assinatura de Acordo Básico de Cooperação Técnica

1995 e 1999 – Visita do Presidente Sam Nujoma ao Brasil

2001 – Renovação do Acordo sobre Cooperação Naval

2003 – Abertura da Embaixada da Namíbia em Brasília

2003 – Visita do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Windhoek

2004 – Visita do Presidente Sam Nujoma ao Brasil

2005 – Visita do Vice-Presidente José Alencar a Windhoek para a posse do Presidente Hifikepunye Pohamba

2009 – Visita do Presidente Hifikepunye Pohamba ao Brasil

2011 – Realização da II Reunião da Comissão Mista Brasil-Namíbia, em Windhoek

2012 – Visita ao Brasil do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Namíbia, Utoni Nujoma



HISTÓRIA

Em 1990, com a independência da Namíbia, estabeleceram-se relações diplomáticas e foi criada a Embaixada do Brasil em Windhoek. Ao longo das décadas de 1990 e 2000, foram assinados diversos acordos – como o Acordo de Cooperação Naval (1994), o Acordo Básico de Cooperação Técnica (1995) e novo Acordo de Cooperação Técnica (2001) –, e realizadas diversas visitas de alto nível. A Namíbia abriu sua Embaixada em Brasília em 2003.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores

OTHER BENEFITS FOR BRAZIL

IN THE ECONOMIC SPHERE

The Inace shipyard was constructed from 2009 e 2010, a ship patrol and two boat patrols for the Namibia Navy, similar to the existing vessels in the Brazilian Navy. The continued efforts of the Brazilian Navy to achieve a serial production of vessels enabled gains in the scale and consequently, reduced production costs and increased industrial activity in its industrial center.

IN THE SOCIAL-CULTURAL SPHERE

Namibia is a member of the Community of Portuguese Language Countries (CPLP) as an observational member. About 30% of the population in the northern region of the country speaks Portuguese naturally, due to its proximity to Angola. Due to the preparation of Officers and Namibian Corps in Brazilian, a majority of the Namibia Navy is fluent in Portuguese; as that also opens up opportunities for improve cultural and commercial exchanges.



OTHER HIGHLIGHTS

NOWADAYS IN NAMIBIA

There are two support groups, one is the Naval Advisory Mission with 5 Officers and 11 Corps and a Technical Advisory Group of Marines with 6 Officers and 24 Corps.

MILITARY GRADUATES

1614 military graduates have already graduated in Brazil among Officers and Navy Corps in Namibia

OTHER COUNTRIES

Besides Namibia, the Navies of the following countries in Africa send military personnel for courses at the Brazilian Navy: South Africa, Angola, Cape Verde, Cameroon, Mozambique, Nigeria, Sao Tomé, Príncipe, and Senegal.

DEFENSE AGREEMENTS

Besides Namibia, Brazil has already signed cooperative agreements in the field of defense with other countries in Africa, such as: Cape Verde, South Africa, Guinea Bissau, Mozambique, Nigeria, Senegal, Angola and Equatorial Guinea.

Source: The Brazilian Navy

Chronology of bilateral relations

- 1987** – Visit of Sam Nujoma to Brazil as the leader of SWAPO, when he was received by President José Sarney
- 1989** – Opening of the Observation Office of the Brazilian Government in Windhoek
- 1990** – Creation of the Brazilian Embassy in Windhoek
- 1991** – Visit of President Fernando Collor to Windhoek
- 1994** – The signing of the Naval Cooperative Agreement
- 1995** – The signature of the Basic Technical Cooperative Agreement
- 1995 and 1999** – The visit of President Sam Nujoma to Brazil
- 2001** – Renewal of the Naval Cooperative Agreement
- 2003** – The opening of the Embassy of Namibia in Brazil
- 2003** – Visit of President Luiz Inácio Lula da Silva to Windhoek
- 2004** – Visit of President Sam Nujoma to Brazil
- 2005** – Visit of Vice-President José Alencar to Windhoek for President Hifikepunye Pohamba taking office
- 2009** – Visit of President Hifikepunye Pohamba to Brasil
- 2011** – The II Brazilian-Namibian Joint Commission Meeting was held in Windhoek
- 2012** – The Foreign Business Minister of Namibia, Utoni Nujoma, visited Brazil,

HISTORY

In 1990, after the independence of Namibia, diplomatic relations were established and the Brazilian Embassy was created in Windhoek. Throughout the decades of the 1990s and 2000s, diverse agreements were signed – such as the Naval Cooperative Agreement (1994), the Basic Technical Cooperative Agreement (1995) and the new Technical Cooperative Agreement (2001) –, and diverse high level visits took place. Namibia opened its Embassy in Brasilia in 2003.

Source: Ministry of Foreign Affairs

A ÁFRICA

QUE A TV BRASILEIRA COMEÇA A ENXERGAR

A África ocupa pouquíssimo espaço na programação das emissoras de televisão do Brasil, veículo presente em 95,1% dos lares brasileiros, segundo as últimas estatísticas oficiais. Nenhuma emissora comercial possui correspondente no continente africano. Assim, as informações vindas de lá são provenientes apenas de agências internacionais. Em geral, as imagens mostram estereótipos como pobreza, epidemias e conflitos étnicos. No intuito de aumentar o grau de conhecimento dos brasileiros sobre o continente africano, a TV Brasil, rede pública de televisão financiada pelo governo brasileiro, decidiu lançar o programa Nova África.

Através do programa, o público pode conhecer diferentes países africanos, onde protagonistas locais narram seus problemas e, principalmente, as soluções para os mesmos. São ouvidos trabalhadores, políticos, intelectuais, artistas e ativistas sociais. "Uma nova forma de ver a África", define Luiz Carlos Azenha, jornalista responsável pela primeira temporada da atração. "Tentamos romper com o tom condescendente ou folclórico que é comum nas reportagens de brasileiros sobre a África", disse à época do lançamento.

Para realizar o programa, que mis-

tura a linguagem de documentário com tratamento jornalístico dos conteúdos, a emissora estatal lançou um edital para contratar uma produtora independente. A primeira temporada, exibida no ano de 2009 com 26 episódios de 26 minutos cada, foi produzida pela Baboon Filmes, vencedora da licitação técnica e de preços. Em 2011, a TV Brasil lançou um edital para uma segunda temporada de Nova África. "Já estávamos no continente africano há cinco anos. Queríamos mostrar uma África moderna, politizada, com sabor, musicalidade e cultura", conta Luciana Pires, sócia da Cine Group, empresa vencedora da licitação. "Elegemos temas que pudessem ser abordados por dois ou três países em cada programa. Listamos todos os assuntos que queríamos tratar. O primeiro transplante de coração aconteceu na África, por exemplo".

A tarefa da equipe não foi fácil. Afinal, era necessário gravar em 30 países em apenas dois meses. "Contratamos produtores locais e montamos uma rede de consultores africanos nas mais diversas áreas, como ciência, política e cultura, para que pudéssemos mostrar o que é essa África de verdade". A série é apresentada por um africano e dois brasileiros. Por trás das câmeras, 35 profissionais estiveram envolvidos do começo ao fim do projeto, que durou doze meses.



BRAZILIAN TV IS STARTING TO SEE AFRICA

African programs occupy extremely little space in the programming of Brazilian television broadcasting stations, a vehicle present in 95.1% of Brazilian homes, according to the latest official statistics. There is no commercial television broadcasting company correspondent on the African continent. Thus, information coming from there only comes from international agencies. Generally, the broadcasts show just stereotypes of poverty, epidemics, and ethnic conflicts. The public network, TV Brasil, financed by the Brazilian government has decided to launch the program, The purpose of "Nova África" (New Africa) is for increasing the knowledge level of Brazilians on the African continent.

Through this program, the audience can learn about different African countries, where local leaders narrate on their problems and especially on their own solutions. Workers, politicians, intellectuals, artists, and social activists are heard. "This is a new way to see Africa", declares Luiz Carlos Azenha, the journalist responsible for the first season of this attraction. "We are trying to break away from the condescending attitude or folklore, so common in Brazilian coverage on Africa", he said at the time the program was launched.

In order to produce the program, which blends documentary language with journalistic treatment of contents, the government broadcasting company launched an edict for contracting an independent producer. The first season was shown in 2009, including 26 episodes and each one was 26 minutes long, it was produced by Baboon Filmes, winner of the technical and price bidding. In 2011, TV Brasil launched an edict for a second season of Nova África. "We have already been present on the African continent for five years. We wish to show a modern Africa, politicized with flavor, musicality, and culture", tells Luciana Pires, partner at Cine Group, the winning bidding company. "We have chosen subjects ranging to two or three countries in each program. We list all the subjects we want to broadcast. For example, the first heart transplant that took place in Africa".

The work has not been easy for the team. After all, it was necessary to film in 30 countries in a period of only two months. "We contracted local producers and we set up a network of African consultants in the most diverse fields, such as science, politics, and culture so that we could show what Africa is really like". The series is presented by an African and two Brazilians. There were 35 professionals behind the cameras involved from the beginning to the end of the project lasted for twelve months.

IMPACTOS SOCIAIS

Além do programa "Nova África", a TV Brasil ainda exibe em sua programação outros programas sobre o continente africano, como a série de documentários "Mama África", o "Ciclo de Cinema Africano", sessão voltada para a apresentação de longas-metragens e a novela angolana "Windeck". Produzida em 2012 pela produtora angolana Semba Comunicação, e exibida no Brasil desde novembro de 2014, Windeck é a primeira novela angolana exibida no Brasil.

Apesar de permitir uma aproximação cultural entre Angola e Brasil, a novela também se destaca por contar com inúmeros atores negros, o que não ocorre nas produções brasileiras. "É um marco importante para o fortalecimento da identidade dos afro-brasileiros e para o estreitamento das relações culturais entre os dois países", ressalta Américo Martins, diretor-presidente da EBC, empresa estatal controladora da TV Brasil.

"A televisão brasileira, ao não permitir que negros tenham uma participação efetiva em sua programação, reproduz o racismo que permeia a sociedade brasileira", defende o pesquisador da USP, Osmar Teixeira Gaspar. "A ação da TV Brasil é muito relevante e importante para a autoestima da população negra brasileira, que começa agora a se ver, não só no vídeo, mas também com a possibilidade de exercer outras atividades". A jornalista e militante do movimento negro, Rosário Medeiros, por sua vez, lembra que a falta de visibilidade do negro também existe nos bastidores da televisão. "A grande mídia ainda é muito restrita, o número de profissionais jornalistas, por exemplo, é muito pequeno", reclama.

"Temos que conhecer de onde viemos", argumenta Luciana Pires, da Cine Group. "Fizemos um pré-teste da série Nova África. Foi uma análise qualitativa em dois estados brasileiros. As respostas foram impressionantes. Muitos disseram que 'não sabiam que tinha museus e escolas no continente africano' e que 'não sabia que tinha cidades superorganizadas lá', lamenta.

Apesar dos esforços dos produtores e do reconhecimento público desse trabalho que a TV Brasil vem fazendo, a África moderna ainda deve continuar distante da maioria dos brasileiros. Isso porque a TV Brasil ainda não é conhecida por 68% dos brasileiros, segundo informações da própria emissora. "A comunicação pública não pode ficar em um canto, assistindo ao que está acontecendo nesse processo. A gente tem que se unir e trabalhar junto, disputar mercado, disputar corações e mentes e conseguir ter essa relevância e esse protagonismo", conclui Américo Américo Martins, da EBC.





**R\$ 92 MIL É O CUSTO
DE PRODUÇÃO DE
CADA EPISÓDIO DA
SÉRIE NOVA ÁFRICA**

**IT COSTS R\$ 92
THOUSAND TO
PRODUCE EACH
EPISODE OF THE
SERIES NOVA ÁFRICA
(NEW AFRICA)**

SOCIAL IMPACTS

TV Brasil, besides just airing the "Nova África" program aired other programs on the African continent, such as a series of documentaries, "Mama África" (African Mommy), the "Ciclo de Cinema Africano" (the African Cinema Cycle), it focused on presenting feature movies and an Angolan soap opera "Windeck". It was produced in 2012 by Semba Comunicação, an Angolan producer, and it has been broadcast in Brazil since 2014, Windeck is the first Angolan soap opera broadcast in Brazil.

In spite of making cultural proximity possible between Angola and Brazil, the soap opera also features countless black actors and actresses, as that normally does not take place in Brazilian productions. "This is an important milestone for strengthening the Afro-Brazilian identity and for narrowing cultural relations between the two countries", emphasizes Américo Martins, CEO of EBC; the controlling government company of TV Brasil.

"Brazilian television does not provide blacks any effective participation in their programming, thus reproducing racism permeating in Brazilian society", states the researcher at USP, Osmar Teixeira Gaspar. "The initiative of TV Brasil is very relevant and important for the self-esteem of the Afro-Brazilian population, who are beginning to see, that not only video, but there are other possibilities for working in other activities". This journalist is a militant in the black equal rights movement. Rosário Medeiros, reminds us of the lack of visibility of blacks in backstage television work. "Large-scale media is still very restricted, for example, the number of professional black journalists is very small" he exclaims.

"We have to know where we came from", argues Luciana Pires, from the Cine Group. "We performed a pre-test on the series Nova África. There was a qualitative analysis in two Brazilian states. The responses were expressive. Many people said "they did not know there were museums and schools on the African continent" and "they did not know that the cities there were extremely organized", she laments.

In spite of the efforts of the producers and public recognition for the work TV Brasil has been doing, modern Africa still continues remote for the majority of Brazilians. That is because, TV Brasil is still not known by 68% of Brazilians, according to information published by the broadcasting company. "Public communication cannot just remain on the sidelines, watching what is happening in this process. We have to unite and work together, compete for the market, winning hearts and minds and achieving that relevance and that leadership", concludes Américo Américo Martins, from EBC.

PRÊMIOS

A exibição do programa “Nova África”, deu à TV Brasil o Prêmio Camélia da Liberdade, em março de 2013. A premiação busca reconhecer e incentivar instituições públicas, universidades, governos, empresas e veículos de comunicação a desenvolver projetos de ações afirmativas, de valorização da diversidade e da inclusão étnica. A exibição de “Windeck” fez a TV Brasil ser novamente premiada em 2015.

AWARDS

Broadcasting the “Nova África” program made TV Brasil win the “Prêmio Camélia da Liberdade” (the Camélia da Liberdade Award) in March 2013. This award seeks to recognize and foment public institutions, universities, governments, companies, and communication vehicles to develop projects for affirmative actions, valorizing diversity and ethnic inclusion. Broadcasting “Windeck” made TV Brasil win the award again in 2015.

DIVULGAÇÃO / CINEGROUP



CINE Group: know-how brasileiro na África

Criada em 1997 como Cinevideo, a produtora CINE Group tem hoje escritórios em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Maputo. Um convite da rede moçambicana Soico Televisão (STV) deu início à história da empresa no continente africano. A ideia era capacitar profissionais de teledramaturgia. “Conectamos nossos profissionais com os da África. Diante dessa experiência encantadora, a gente resolveu ficar. Nesse período, fizemos intercâmbio de profissionais. Levamos brasileiros para lá e trazemos africanos para cá. Isso é muito enriquecedor para ambos os lados”, comemora Luciana. A parceria resultou na minissérie N’Txuva, Vidas em Jogo, com 16 capítulos de 15 minutos cada, e que envolveu 25 profissionais da Cine Group e mais de 100 moçambicanos.

Dos vinte funcionários do escritório em Moçambique, apenas dois são brasileiros. A filial africana da empresa abriu as portas para novos projetos na região como o documentário “Mama África”, que faz um retrato do continente africano, a partir de depoimentos de personagens (e personalidades) de dez países (África do Sul, Cabo Verde, Gana, Guiné-Bissau, Malawi, Marrocos, Moçambique, Senegal, Suazilândia e Tanzânia) e “Mulheres Africanas”, uma série de documentários que mostra histórias, questionamentos e conquistas de cinco mulheres líderes da África: Graça Machel, Leymah Gbowee, Sara Marasi, Nadine Gordimer e Luisa Diogos. “Estamos batalhando para realizar um longa-metragem com conteúdo de qualidade de dramaturgia. Todos os profissionais que estão lá são de extrema importância para encarar esse projeto ousado de ficção”, adianta Luciana.

CINE Group: Brazilian know-how in Africa

Cinevideo was created in 1997 and the CINE Group producer nowadays has offices in Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, and Maputo. It received an invitation from the Mozambican network Soico Televisão (STV) that began the history of the company on the African continent. The idea was to train professionals in tele-dramatization. “We connect our professionals with African. Due to this enchanting experience, we decided to stay. In that period, we were able to exchange and share experiences among those professionals. We took Brazilians there and brought Africans here. That was very enriching for both sides”, celebrates Luciana. The partnership resulted in a mini-series named “N’Txuva, Vidas em Jogo” (Lives at stake), with 16 chapters and each one was 15 minutes long, and it involved 25 professionals from the Cine Group and over 100 Mozambicans.

There are only two Brazilian among the twenty employees in the Mozambican office. The African branch of the office opened its doors to new projects in the region, as for example, the documentary “Mama África”, that displays a portrait of the African continent, based on true stories from the characters (and personalities) from ten countries (South Africa, Cape Verde, Ghana, Guinea-Bissau, Malawi, Morocco, Mozambique, Senegal, Swaziland and Tanzania) and “Mulheres Africanas” (African Women), a series of documentaries that show stories, questions, and conquests of five women leaders in Africa: Graça Machel, Leymah Gbowee, Sara Marasi, Nadine Gordimer, and Luisa Diogos. “We are fighting to produce a feature movie with quality dramaturgic contents. All the professionals who are there are extremely important in order to face this courageous fictional projects”, states Luciana.



Over 20 years Linking Brazil and Africa

Agricultural and Agro-processing machinery, equipment and construction solutions



Grain Post-harvest Solutions
www.brazafric.com



Events
www.brazileastafricaexpo.com



General Trade
www.brazafricindustries.com



Consultancy
www.eastafricabrazil.com



Agricultural Equipment
www.brazagroltd.com



Consolidated Trading
www.brandintl.com.br



Mudher Industrial Park, Mombasa Rd, Next to Soham Petrol Station P.O. Box 76561-00508, Nairobi / Kenya

Tel: +254 - 020 - 2107247 / 2107000 Mobile: +254 - 722 925 611 Email: info@brazafric.com

INNO SORSY,

a contadora de histórias

Por Ana Vitória Reis

Natural de uma região entre Gana e o Togo, Inno Sorsy viaja o mundo contando histórias. Ao mudar-se para Londres ainda pequena, começou a estudar drama, teatro e música, disciplinas essenciais para sua formação. Hoje é especialista em voz e literatura, performer, escritora e, como faz questão de ressaltar, é contadora de histórias. As "estórias" de Inno são uma soma de suas memórias e das histórias que escuta em suas viagens. "Minha mãe, minha avó, as pessoas mais velhas de minha família e de outras famílias me contavam histórias", lembra. "Muitas eram utilizadas como um instrumento de educação social". Para Inno Sorsy, as histórias não são apenas palavras. Elas transmitem sentimentos, pensamentos e reflexões que podem ser adotados na vida real. "Eu espero que as pessoas se interessem pelas histórias. Pela sabedoria e pelo conhecimento que elas contêm, pois são ensinamentos que ajudam a controlar a dificuldades de ser um ser humano", afirma.

A vontade de compartilhar algo e o amor pela fala do outro são pontos importantes na contação de histórias. Segundo a escritora, no momento em que uma história é contada, o cérebro desenvolve uma espécie de link, onde ouvinte e contador se conectam, tornando possível a troca de experiências. Inno reforça que o contato entre as pessoas não pode perder sua forma em um mundo onde novas tecnologias facilitam a comunicação. "Nós somos seres humanos e o computador não vai nos ajudar a pensar. Acredito que o contato entre pessoas ainda é uma coisa necessária em nossas vidas. Nós ainda não somos máquinas, então precisamos de interação com outras pessoas", completa. Sobre a utilização de storytelling por grandes empresas como estratégias de marketing, Inno acredita ser apenas mais uma "moda", uma coisa passageira. "Me pergunto se as pessoas que usam essa técnica têm algum conhecimento sobre histórias e contação de histórias. É mais um instrumento de lavagem cerebral", comenta.

FOTOS DIVULGAÇÃO / THE COMPANY OF COMMON SENSE





INNO SORSY, STORY TELLER

By Ana Vitória Reis

Inno Sorsy was born in a region between Ghana and Togo and she has traveled around the world telling stories. She moved to London, while she was still young, began to study drama, theater, and music, essential subjects for her preparation. Nowadays, she is a voice specialist in literature, a performer, writer, and especially, a story teller. The “stories” of Inno are the sum of her memories and the stories she heard while traveling. “My mother, grandmother, and the older people in my family and from other families told me stories”, she remembers. “Many of them were used as an instrument for social education”. For Inno Sorsy, the stories are not only words. She expresses feelings, thoughts, and reflections that can be adapted to real life. “I hope that people become interested in the stories. Due to the wisdom and knowledge that they contain, as the teachings help to control the hardships of being a human being”, she states.

Her willingness to share something and her love for speaking to others are important points in her story telling. According to the writer, the brain develops a type of link, whereas the listener and the story teller connect, making it possible to exchange experiences. Inno emphasizes that the contact between people cannot be lost as new technologies facilitate communication. “We are human beings and the computer will not help us to think. I believe that contact between people is still necessary in our lives. We still are not machines, so we need interaction with other people”, she adds. Regarding the utilization of storytelling by large companies as strategies for marketing, Inno believes it to be only a fad, something temporary. “I ask myself, if people who use this technique, if they have any knowledge on stories and storytelling. It is just another instrument for brainwashing”, she comments.



Por meio de oficinas e apresentações, a contadora de histórias mostra os aspectos técnicos e sociais de seu trabalho. Segundo Inno, o público determina o modo como história é contada. "Existem técnicas que dependem de quem seja o ouvinte. Se você vai contar histórias para uma criança, então é preciso criar um ambiente acolhedor, aconchegante e seguro. Mas se você vai falar para uma multidão, então as técnicas são de um discurso público", relata.

Com sua técnica, Inno Sorsy já visitou muitos países, entre eles Argentina, Colômbia, Espanha, Benin, França, Alemanha, Itália e Estados Unidos. Em 1995, esteve no Brasil pela primeira vez para apresentar workshops. Desde então, retorna ao país para continuar disseminando seu trabalho. Em terras brasileiras, a escritora lançou um livro "O Ofício do Contador de História", em coautoria com Gyslane Avelar Matos. "Aqui conheci pessoas maravilhosas e descobri que com o decorrer dos anos, a contação de história cresceu e se tornou algo maior. Eu gosto muito de vir aqui. É sempre interessante. As pessoas estão procurando diferentes formas de contar histórias", revela.

The storyteller through workshops and presentations shows technical and social aspects regarding her work. According to Inno, the audience determines how the story is told. "There are techniques that depend on who the listener is. If you are going to tell stories to a child, then it is necessary to create a cozy, comfortable and safe atmosphere. But if you are going to speak to a crowd, then the techniques used are for public speaking", she tells.

Inno Sorsy, using her technique, has already visited many countries, some of them are: Argentina, Colombia, Spain, Benin, France, Germany, Italy, and the United States. In 1995, she was in Brazil for the first time and presented workshops. Since then, she has returned to the country to continue disseminating her work. In Brazil, the writer has published a book "O Ofício do Contador de História" (The Job of a Storyteller), coauthored by Gyslane Avelar Matos. "I met marvelous people here and I discovered throughout the years, that storytelling has increased and has become something bigger. I like coming here so much. It is always interesting. The people are looking for different ways to tell stories", she reveals.

THE COMPANY OF COMMON SENSE

Fundada por Inno Sorsy, a Companhia do Senso Comum (The Company Of Common Sense) trabalha a contação de histórias como uma forma de reconectar o homem com sua cultura. Segundo a storyteller, mitos e contos são uma maneira de transmissão de sabedoria e conhecimento. A companhia trabalha essas histórias de modo a ajudar o homem a utilizar todo o seu potencial para o bem comum.

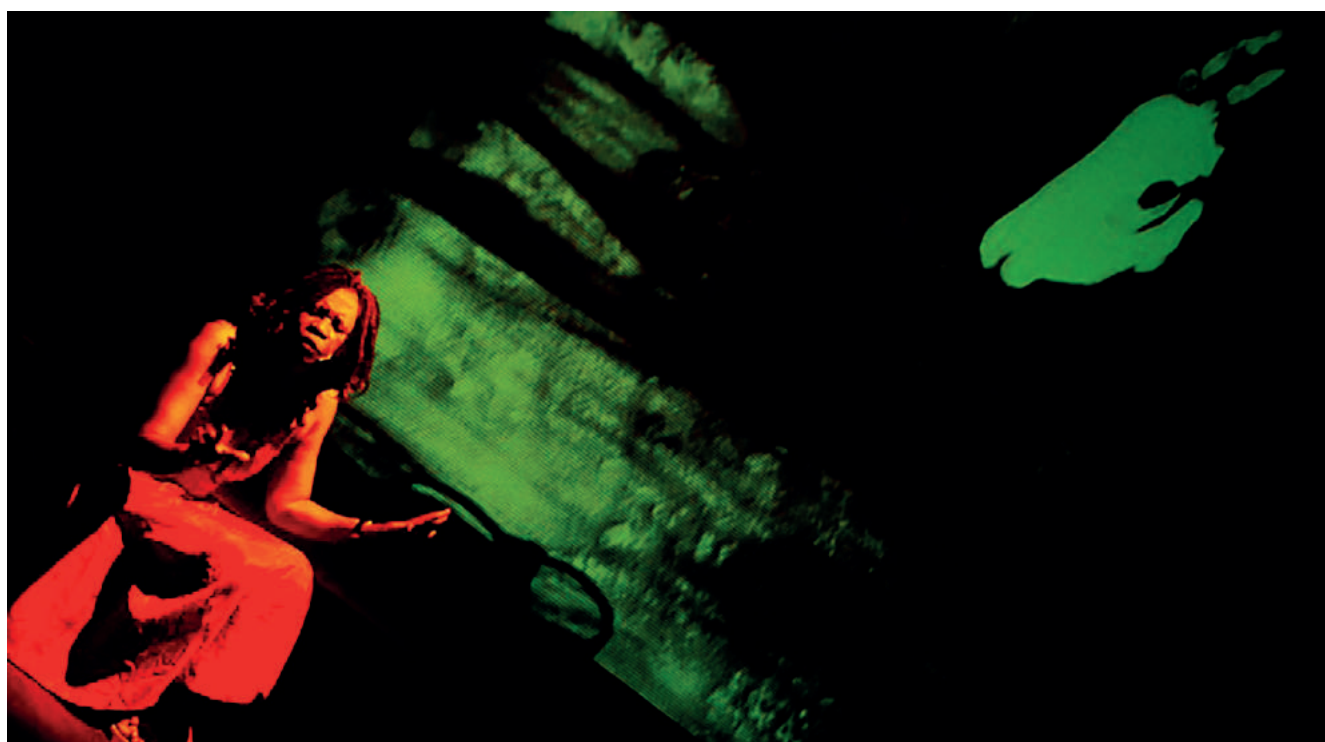
THE COMPANY OF COMMON SENSE

The Company of Common Sense was founded by Inno Sorsy; it is a project for storytelling as a way to reconnect the human being to his/her culture. According to the storyteller, myths, and tales are a manner for sharing knowledge and wisdom. The company works with these stories in order to help mankind to harness his potential for the common good of mankind.



“O CONTATO ENTRE PESSOAS AINDA É UMA COISA NECESSÁRIA. NÓS AINDA NÃO SOMOS MÁQUINAS, ENTÃO PRECISAMOS DE INTERAÇÃO COM OUTRAS PESSOAS”

“CONTACT AMONG PEOPLE IS SOMETHING THAT IS STILL NECESSARY. WE ARE NOT MACHINES YET, WE NEED TO INTERACT WITH OTHER PEOPLE”



O PATRIMÔNIO DE UMA CAPITAL CULTURAL

A cidade de Belo Horizonte - B. H. ou "Beagá" para os mais íntimos - bem que poderia ostentar facilmente o título de capital cultural do Brasil. Situada entre montanhas, rodeada por cachoeiras e cidades históricas, a capital do estado de Minas Gerais conta com um vasto patrimônio arquitetônico, ótimos museus e uma gastronomia admirada em todo o Brasil. Fundada no final do século 1897, Belo Horizonte foi planejada e construída para ser a capital política e administrativa do estado mineiro em substituição a Ouro Preto, cidade-símbolo dos séculos de exploração do ouro na região. A partir de então, passado e presente passaram a conviver lado a lado.

A arquitetura da cidade, por exemplo, permite uma perfeita harmonia entre construções do século XIX e as obras pós-modernas de Oscar Niemeyer espalhadas pela cidade. Uma parte significativa da história do Brasil está presente não só nas ruas como nos inúmeros museus existentes na cidade. Criado pelo governo local, o Circuito Cultural da Praça da Liberdade, considerado o maior conjunto integrado de cultura do País, inclui diversos museus e outros espaços culturais como biblioteca e planetário, além de lojas e café. Já as delícias gastronômicas estão condensadas no Mercado Central, que reúne 450 boxes que oferecem desde frutas tropicais até iguarias que se tornaram ícones da culinária mineira como o queijo minas, o doce de leite, o pão de queijo e a cachaça.

Belo Horizonte é uma cidade apaixonante. Tem uma economia pujante e diversificada e aquele vai-e-vem típico de uma grande metrópole. Os parques, praças e outras áreas verdes tornaram a cidade uma referência em sustentabilidade. Como se o ouro de outrora tivesse se transformado em qualidade de vida para a população, uma das melhores da América Latina, segundo a ONU. BH também pode não ser uma cidade que nunca dorme, como São Paulo, mas, com certeza, é a mais boêmia. Conhecida como a "capital nacional dos botecos", existem mais bares per capita em Belo Horizonte do que em qualquer outra grande cidade do Brasil.

THE PATRIMONY OF A CULTURAL CAPITAL CITY

Belo Horizonte City- B. H. or "Beagá" for the more intimates - can easily boast the title as being the cultural capital of Brazil. It is located between mountains, surrounded by waterfalls, and historical cities; it is the state capital of the state of Minas Gerais and it has a vast architectural patrimony, great museums, and gastronomy options admired all over Brazil. It was founded at the end of the century in 1897. Belo Horizonte was planned and built to be a political and administrative capital for Minas Gerais State as to substitute "Ouro Preto" (Black Gold), the city symbolizing the exploration of gold in the region. And from then on, it started to coexist with the past and present, side-by-side.

The architecture of the city, for example, makes it possible for perfect harmony among constructions from the XIX century and post-modern sites by Oscar Niemeyer spread out around the city. One significant part of Brazilian history is present not only in the streets, as countless museums are found in the city. The Cultural Circuit of the Freedom Square was created by the local government, considered as the most important integrated cultural spaces in the Country, including diverse museums and other cultural spaces, such as a library and planetarium, as well as stores and a café. The gastronomical delights are centralized in the Central Market place, that reunites 450 booths, offering a range of tropical fruits and even delicacies that have made it become the Minas Gerais culinary icon, with such items as "queijo minas" (Minas white cheese), "doce de leite" (dulce de leche), "pão de queijo" (cheese buns), and "cachaça" (sugarcane brandy).

Belo Horizonte is a passionate city. There is a thriving and diversified economy with typical bustling crowds of a large metropolis. The parks, squares, and other green areas make the city a reference for sustainability. The former gold mining had transformed the quality of life of the population, into one of the best in Latin America, according to the UN. BH is also a city that never sleeps, just like São Paulo, but certainly, it is more bohemian. It is known as the national capital of sidewalk bars, as there are more bars per capita than any other city in Brazil.

A DIVERSIDADE DE UMA CIDADE PORTUÁRIA

THE DIVERSITY OF A PORT CITY

Se alguém tentar traduzir do árabe, Dar es Salaam pode significar algo como “porto ou refúgio de paz”. De fato, a mais importante cidade da Tanzânia tem o segundo mais movimentado porto da África Oriental. Banhado pelo Oceano Índico, o lugar é parada quase obrigatória para os navios que vêm da Ásia com destino à América e Europa. Como uma típica cidade portuária, Dar es Salaam possui uma arquitetura diversificada, que mistura elementos africanos, árabes, indianos e alemães. Essa diversidade também é percebida no povo e, consequentemente, na gastronomia. Isso porque, a cidade é lar de tanzanianos africanos, de comunidades árabes e sul-asiáticas, de expatriados britânicos e alemães, católicos, luteranos e muçulmanos.

Dar es Salaam não esquece de seu passado. Os museus da cidade reúnem achados arqueológicos impressionantes e registros dos períodos das ocupações coloniais alemãs e britânicas. O cais do porto e a região central também possuem diversos monumentos históricos. A cidade ainda valoriza sua relação com o mar. Quem for à Bongoyo Island Marine Reserve, localizada a sete quilômetros ao norte da cidade, vai encontrar lindas praias, ilhas isoladas e excelentes locais de mergulho. Já quem for ao colorido e caótico mercado de peixes Kivukoni obterá um registro da vocação dos tanzanianos para a pesca. Os locais preferem o agito de Coco Beach e dos clubes de Bongo flava, gênero musical que funde hip-hop, R & B contemporâneo, reggae e música nativa da Tanzânia, como dansi e taarab.

O fato é que Dar es Salaam está crescendo. E muito. A população, formada por mais de 4 milhões de pessoas deve aumentar em mais de 85% até 2025, de acordo com o Banco Africano de Desenvolvimento. O aumento populacional entre 2002 e 2012 é o terceiro mais rápido da África. Mas a cidade também se prepara bem para o futuro. Centro educacional da Tanzânia, Dar es Salaam abriga grandes centros de ensino, como a Universidade de Dar es Salaam, a Universidade Aberta da Tanzânia, a Universidade Hubert Kairuki e a Ardhi University.

If someone tries to translate “Dar es Salaam” from Arab, it can mean something like “peaceful port or refuge”. In fact, it is the most important city in Tanzania and the second busiest port in Eastern Africa. It is bathed by the Indian Ocean, that place is almost a mandatory stopover for ships coming from Asia and going to the Americas and Europe. As a typical port city, Dar es Salaam features diversified architecture, mixing African, Arab, Indian, and German elements. That diversity is also noticed in the people and, consequently, the gastronomy. That is because; the city is home to Tanzanian Africans, who are from Arabian and South-Asian communities, British and German expatriates, Catholics, Lutherans, and Muslims.

Dar es Salaam has not forgotten its past. The museums in the city reunite incredible archeological findings and records from the occupational period of the Germans and British. The docks at the port and the central region also have diverse historical monuments. The city still esteems its relation with the sea. Whoever goes to the Bongoyo Island Marine Reserve, located seven kilometers north of the city, you will find beautiful beaches, deserted islands, and excellent locations for diving. Then those who go to the colorful and chaotic Kivukoni fish market will see firsthand the fishing vocation of the Tanzanians. The local folks prefer the excitement of Coco Beach and the Bongo Flava clubs, a type of musical gender that created hip-hop, contemporary R & B, reggae, and native Tanzanian music, such as Dansi and Taarab.

The fact is that Dar es Salaam is growing a lot. The population is 4 million people and it should increase over 85% by 2025, according to the African Development Bank. The population increase from 2002 to 2012 is the third fastest in Africa. Also, the city is well-prepared for the future. The Tanzania educational center includes the Dar es Salaam University, Hubert Kairuki University, and Ardhi University.



O MUNDO SE UNE ATRAVÉS DAS CIDADES IRMÃS

O ativista político norte-americano Martin Luther King disse algo como “temos de aprender a viver todos como irmãos ou morreremos todos como loucos”. Dalai Lama, por sua vez, disse que “se você tratar as pessoas como irmãos ou irmãs, elas respondem de acordo”. Assim como seres humanos, as cidades também têm vida. Nasceram, crescem. Algumas até morrem. E podem até serem irmãs de outras cidades. “Cidades irmãs” ou “cidades gêmeas” são aquelas que compartilham (ou que querem compartilhar) a mesma vocação. Podem ser referência em algum aspecto ou apresentar problemas sociais semelhantes.

“Preocupados com a imagem da cidade, gestores e planejadores elaboram propostas e projetos capazes de alterar a fisionomia da cidade, modificando, sobremaneira, sua aparência. As cidades que alteraram mais rapidamente a imagem tornaram-se modelos e foram rapidamente copiadas”, explica o pesquisador e professor emérito da Universidade Federal do Ceará (UFC), José Borzacchiello da Silva. Para ele, as cidades devem procurar mundo afora a solução para os seus problemas urbanos. “As iniciativas de busca de cidades para firmar protocolo de parcerias e cooperação geminadas são vistas na atualidade como forma inovadora e avançada de conagração tendo em vista a solução de problemas comuns e trocas solidárias”

IRMÃOS CONVERSAM ENTRE SI

Acordos paradiplomáticos entre cidades existem há séculos. Contudo, a formalização de acordos tem ganha-

do força no século XX, sobretudo no período seguinte à Segunda Guerra. Em 1956, a Casa Branca - na época do presidente Eisenhower - criou a Sister Cities International, uma organização com o propósito de ser um hub de paz e prosperidade através da criação de laços entre pessoas de diferentes cidades ao redor do mundo. Ao fomentar essas relações, pessoas de diferentes culturas podiam celebrar e apreciar as suas diferenças e construir parcerias que permitam reduzir a chance de novos conflitos. A organização serviu para reparar as tensões mundiais no período pós-guerra, sobretudo com a Europa Ocidental. O modelo de geminação ajudou ainda a aproximar China e Estados Unidos, até então politicamente polarizados, a partir da década de 1970.

Hoje, a organização continua a fortalecer uma rede de cidades-irmãs de rede através de seus programas. “Cidades inteligentes não combinam com pobreza e desigualdade social. E a rede Sister Cities International está fundada no pressuposto da cooperação”, garante Borzacchiello. “A constatação de problemas comuns ultrapassou o nicho das cidades globais e alterou a política de cooperação e intercâmbio entre cidades de tamanhos diferenciada, já atingindo metrópoles, cidades médias e pequenas”, diz. Com apoio do governo norte-americano, de doações feitas por voluntários através da Internet e de aportes financeiros de grandes instituições como a Fundação Bill & Melinda Gates, a Sister Cities International tem se dedicado a parcerias crescentes na África, no Sudeste e no Leste da Ásia, e também na América Latina.



THE WORLD UNITES THROUGH SISTER CITIES

The North American political activist, Martin Luther King, said something like “We must learn to live together as brothers or perish together as fools”. Dalai Lama, once said that “if you treat people like brothers or sisters, they will act accordingly”. Thus, we are human beings, cities also are alive. They are born, grow. Some even die. And they can even be sisters or twins to other cities. “Sister Cities” or “Twin Cities” are those that share (or wish to share) the same vocation. They can be a reference to some aspect or suffer from similar social problems.

“They are concerned about the image of the city, administrators, and planners who draft proposals and projects capable of changing the appearance of the city, modifying its appearance greatly. Cities that changed the image fastest became models and they were quickly copied”, explains the merited researcher and professor at the Ceará Federal University (UFC), José Borzacchiello da Silva. For him, cities must seek a solution for their urban problems all over the world. “Initiatives of cities searching for defining a protocol for partnerships and bilateral cooperation are considered nowadays as an innovative and advanced form of reconciliation, in order to solve common problems and achieve solidary exchanges.”

SIBLINGS DISCUSS TOGETHER

Paradiplomatic agreements between cities have taken place for centuries. However, the formalization of agreements gained strength in the XX century, especially

in the period following the Second World War. In 1956, in the White House – during the office of President Eisenhower – the Sister Cities International organization was created, an organization for the purpose of being a hub of peace and prosperity through the creation of ties among people from different cities around the world. Fomenting these relations among people from different cultures and making it possible to celebrate and appreciate their differences and build partnerships and thereby reduce the chances of new conflicts. The organization was effective in relieving global stresses and strains in the post-war period, especially in Western Europe. The Twin City model even helped to make China and the United States get closer, until then they were politically polarized, beginning in the 1970s.

Nowadays, the organization continues strengthening a network of sister cities in its network through its programs. “Intelligent cities do not correlate with poverty and social inequality. And the Sister Cities network is founded on the presupposition of cooperation”, assures Borzacchiello. “The recognition of common problems exceeded the niche of global cities and changed the policy of cooperation and exchange among cities of different sizes, already reaching metropolises, medium and small sized cities”, he said. Due to the support from the United States government, donations from volunteers through the Internet, and financial grants from large institutions, such as the Bill & Melinda Gates Foundation, the Sister Cities International entity has dedicated itself to making increased partnerships in Africa, Southeastern and Eastern Asia, and also in Latin America.





Irmãos compartilham experiências

Pesquisadores de questões urbanas de várias universidades do mundo acreditam que a formação de redes de cidades apresenta respostas eficazes a situações complexas e de grande incerteza, independentemente dos graus de formalização. “A paradiplomacia é uma tendência que não se limita a países avançados, mas também está fortemente presente em países emergentes e mesmo em nações menos desenvolvidas”, é o que diz o economista Nelson Bessa, coordenador de assuntos monetários e financeiros internacionais na Secretaria de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda. “Além dos aspectos protocolares, acordos firmados entre cidades de diferentes países visam a promover em geral as exportações, a atração de investimentos, fluxos de turistas, captação de recursos e o intercâmbio técnico e cultural”.

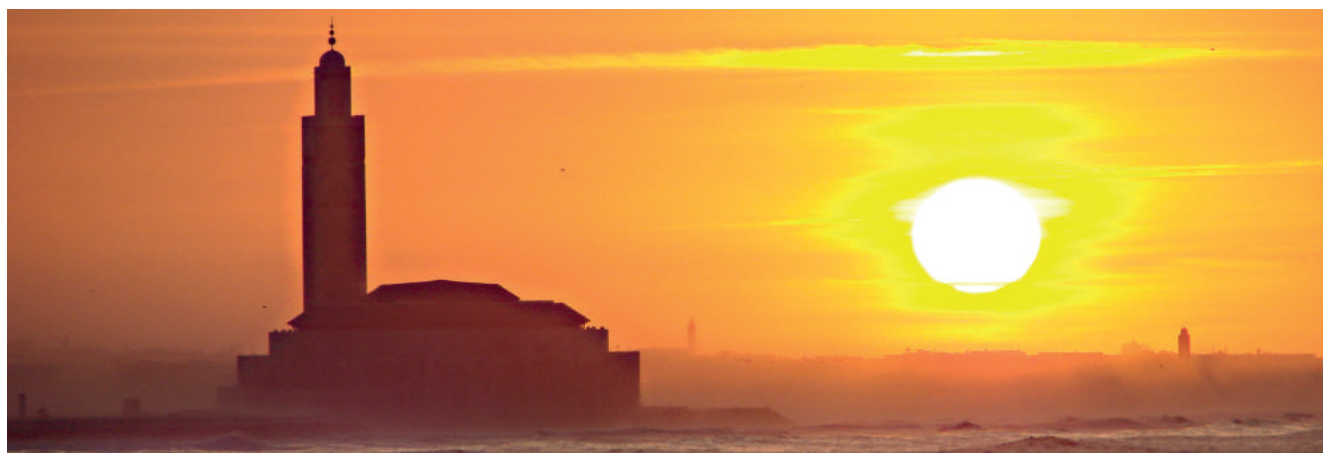
Curitiba e Durban assinaram um acordo de gemação em 2010. Os gestores da cidade brasileira queriam ouvir dos sul-africanos como foi a experiência de sediar a Copa do Mundo FIFA. Durban foi uma das cidades-sedes no mundial de 2010. Já Curitiba recebeu o evento em 2014. Por conta desse acordo, o município africano enviou em 2011 uma equipe ao Brasil para tratar sobre o assunto. A criação de postos de trabalho, o combate ao déficit habitacional e os projetos de infraestrutura e transporte foram algumas das temáticas abordadas. O diálogo permitiu que os gestores de Curitiba planejassem melhor suas ações a partir de então. “O êxito social e a mobilização no território dependem do nível e engajamento dos diferentes atores sociais no processo de mobilização de cidades. O intercâmbio, a articulação, a troca de experiências e as parcerias decorrentes garantirão maior ou maior entrosamento entre as equipes de cidades distintas”, defende Borzacchiello.

A internet e as outras novas tecnologias de comunicação em rede tornaram o mundo menor, fazendo com

que as relações e as interações entre as cidades se tornassem mais complexas do que nunca. Apesar do aumento do uso de ferramentas de comunicação on-line, as reuniões face-a-face e as relações pessoais desenvolvidas através de cidades-irmãs ainda são vitais e, em alguns casos, insubstituíveis.

Fóruns multilaterais, como as conferências da ONU e os diversos fóruns regionais, que reúnem prefeitos de cidades e governadores de províncias, ajudam a fortalecer a articulação as relações paradiplomáticas de uma escala global de cidades. Por isso, grandes organizações internacionais, como o Bando Mundial, têm olhado com atenção para os acordos paradiplomáticos feitos pelas cidades. “A captação de recursos junto a organismos internacionais permite não apenas atenuar a restrição dos orçamentos municipais e antecipar a realização de investimentos que de outra forma demorariam anos para se viabilizar, como também propiciam a assistência técnica e o aporte de melhores práticas para aprimorar a formulação, execução e avaliação de projetos e políticas públicas”, argumenta Nelson Bessa.

É difícil quantificar o número de cidades geminadas, pois muitas delas constroem parcerias simultâneas com várias cidades. As cidades geminadas podem assinar diferentes acordos de cooperação mútua com diferentes parceiros. Em 2011, Lagos na Nigéria, e Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, assinaram um acordo de gemação. Uberaba, também no estado de Minas Gerais e a cidade de Nampula, de Moçambique, se tornaram cidades-irmãs em 2013. Em 2014, foi a vez de Rio de Janeiro e Casablanca se tornarem irmãs. O que existe em comum nesses acordos além de um intercâmbio cultural e a busca por soluções de problemas urbanos comuns é a possibilidade de fomentar as relações econômicas entre essas cidades.



Siblings share experiences

Researchers on urban issues from various universities around the world believe that the formation of networks of cities provide effective answers to complex situations and great uncertainty, notwithstanding the level of formalization. "Paradiplomacy is a trend that is not limited to first-world countries, but also it is strongly present in emerging countries and even in underdeveloped nations", that is what Nelson Bessa said, an economist, who is the coordinator of monetary subjects and international finances in the International Subjects in the Treasury Ministry. "Besides the protocol aspects, defined agreements among different countries seeking to generally promote exportations, attract investments, improve tourist flow, capture resources, and technical and cultural exchange".

Curitiba and Durban signed a twin city agreement in 2010. The administrators of the Brazilian city wanted to hear from the South Africans how their experience was in hosting the FIFA World Soccer Cup. Durban was one of the host cities for the 2010 World Cup; as Curitiba hosted the event in 2014. Because of that agreement, the African city sent a team to Brazil to discuss the subject in 2011. The creation of work positions, combating against the housing deficit and infrastructure projects, and transport were some of the subjects considered. The dialog allowed for the administrators in Curitiba to plan their actions better. "The social success and mobilization in the country depend on the involvement level of different social participants in the mobilization process of the cities. The exchange, articulation, shared experiences, and the arising partnerships will guarantee greater and better engagement among the teams from distinct cities", defends Borzacchiolo.

The internet and other new communication ne-

twork technologies have become more complex than ever before. In spite of increased usage of on-line communication tools, face-to-face meetings and personal relationships developed through sister cities are still vital and, in some cases, irreplaceable.

Multilateral forums, such as the UN conferences and diverse regional forums, that reunite the mayors of cities and governors of provinces/states, help to strengthen the articulation of the Paradiplomatic relations on a global scale of cities. For this reason, large international organizations, such as the World Bank, have looked carefully at the Paradiplomatic agreements made by the cities. "The capture of resources at international organisms enables not only to attenuate the constraint on municipal budgets and anticipate the fulfillment of investments that otherwise could take years to attain, such as also the provision of technical support and best practices for enhancing the formulation, execution, and evaluation of government projects and policies", argues Nelson Bessa.

It is difficult to quantify the number of twin cities, as many of them make simultaneous partnerships with various cities. Twin cities can sign cooperative different agreements of mutual cooperation with different partners. In 2011, Lagos in Nigeria, and Belo Horizonte, the capital of Minas Gerais, signed a twin city agreement. Uberaba, also in the state of Minas Gerais and the city of Nampula, in Mozambique became sister cities in 2013. In 2014 was the chance for Rio de Janeiro and Casablanca, in Morocco to become sister cities. The common denominator in these agreements, besides the cultural exchange and the quest for common urban problems, there is also the possibility for fomenting economic relations between the cities.

Autonomia financeira das cidades e o que diz a lei brasileira

A legislação brasileira permite aos entes subnacionais da federação, inclusive os municípios, captar recursos externos por meio da contratação de financiamentos junto a organismos internacionais mediante a concessão de aval da União. Para ter acesso a ele, os estados e municípios precisam cumprir uma série de exigências e dispor da operação de crédito devidamente aprovada por órgãos federais. Isso ocorre porque em caso de inadimplência, a União se vê obrigada a honrar o pagamento do serviço da dívida ao credor internacional.

Para estabelecer sua própria autonomia na captação de recursos externos, o economista Nelson Bessa diz que os municípios precisam demonstrar que estão com suas finanças em ordem e capacidade institucional para a contratação dos recursos e gerenciamento dos projetos financiados por tais empréstimos. "Portanto, o município deve dispor de uma área específica bem estruturada e profissionalizada em sua administração, capaz de manter uma apropriada coordenação das diversas facetas de gestão de programas financiados por recursos externos, desde a sua formulação, implementação e avaliação", lembra ele, que integra a equipe do Ministério da Fazenda do Brasil.

Vale a pena lembrar que os resultados de avaliações independentes dos projetos já implementados e que contaram com suporte financeiro de recursos da cooperação internacional podem ser usados para respaldar novas solicitações de recursos.

Financial autonomy of cities and what the Brazilian law states

Brazilian legislation enables the sub-national entities of the federation, including municipalities to capture external resources by way of contracting funding from international organisms by the Federal Union granting endorsement. In order to get approval for this, states and municipalities must comply with a series of requirements and utilize a credit transaction after getting properly approved credit from federal bodies. That is required because, in the case of default payment, the Federal Union is obliged to cover the payment of the service for the debt to the international creditor.

In order to establish his own autonomy in capturing foreign resources, the economist Nelson Bessa says that municipalities must demonstrate that their finances are in order and possess the institutional capacity for contracting resources and managing projects funded by such loans. He is part of the Brazilian Treasury Ministry team and reminds us "Therefore, the municipality must provide a specific well-structured and professionalized area in its administration, capable of maintaining an appropriate coordination of diverse facets for managing the funded programs by external resources, ranging from its formulation, implementation, and evaluation".

It is worthwhile to remember that the results from independent evaluations of projects, which have already been evaluated and are already implemented and they count on financial support from international cooperative resources can be used for getting endorsements for new requests for resources.

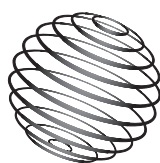




*under the High Patronage
of His Majesty the King Mohammed VI of Morocco*

CRANS MONTANA FORUM

WILL BE BACK IN DAKHLA IN 2016 !



CRANS
MONTANA
FORUM

COMMITTED TO A MORE HUMANE AND IMPARTIAL WORLD

AFRICA, REGIONAL COOPERATION AND THE FUTURE OF THE SOUTH-SOUTH

Good Governance, Energy, Food, Human and Environmental Security,
Education, Youth, Public Health and Maritime Industry

March 17 to 22, 2016
Dakhla (Kingdom of Morocco)



*Heads of State and Government, Ministers, Regional and International Organizations, Members of
National and International Parliaments, Banking and Financial Institutions as well as top Businesses from
Africa and all over the World will gather from March 17 in Dakhla !*

www.cmf.ch – info@montana30.org





4th BRAZIL AFRICA FORUM

**STRATEGIES FOR THE DEVELOPMENT
OF AGRICULTURE IN BRAZIL AND AFRICA**

03 and 04 / November / 2016

Foz do Iguaçu - Brazil



FOR MORE INFORMATION
www.forumbrazilafrika.com

 **Instituto
Brasil África**

